

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

DEISE TERESINHA DA SILVEIRA PEREIRA

**O *CYBERBULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR
E OS DESAFIOS PARA PROMOÇÃO DE UMA CULTURA DA PAZ**

Porto Alegre

Julho, 2015

DEISE TERESINHA DA SILVEIRA PEREIRA

**O *CYBERBULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR
E OS DESAFIOS PARA PROMOÇÃO DE UMA CULTURA DA PAZ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador (a):

Evandro Alves

Porto Alegre

Julho, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Prof^a. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me permitiu dar continuidade nesta jornada, a minha amada família pelo amor incondicional, pela compreensão e apoio, pois muitas foram as minhas ausências, mas o resultado está aqui e é para todos nós. Ao meu amado filho Thales, que sirva de orgulho e exemplo. Ao meu melhor amigo e parceiro na vida Cristiano, agradeço por tua presença que foi de suma importância para a realização de mais uma etapa. Aos meus amigos e colegas de jornada valeu pela parceria e compreensão. À Michelle Reis parceira na escuta e nas reflexões, sempre contribuindo para que eu pudesse expandir minha visão de mundo. Ao querido professor Edson Félix que se mostrou solícito a todo o momento. A professora Bárbara Ávila, obrigada pelo auxílio. Denise Soares com sua ajuda e dedicação. E a minha amada mãe (in memoriam), sei que mesmo em outro plano espiritual se fez presente, pois tuas palavras em vida me servem de estímulos hoje e sempre para que assim eu aja com vontade e garra objetivando o alcance dos sonhos sonhados e agora vividos, sinto muitas saudades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

A Deus, por vossa presença constante em minha vida; pela força e coragem frente as adversidades, o que me fez continuar a jornada e me manteve no caminho, pelas dificuldades vencidas e pelas lições aprendidas; pelos encontros ocorridos, pelas conquistas do trajeto e pelas valiosas amizades conquistadas. Ao professor Dr. Evandro Alves pela valiosa contribuição e por ter acreditado no meu trabalho e potencial.

"O significado das coisas não está nas coisas em si,
mas sim em nossa atitude com relação a elas."

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Com o avanço tecnológico e a disposição das redes sociais que hoje permeiam quase que a totalidade da sociedade e se faz presente também na escola que o fenômeno *bullying* avança e ganha um novo espaço para permear a crueldade, através da interação e conexão das relações, ganhando a cada dia mais destaque na sociedade e na escola enquanto órgão público e espaço social de convivência, passando assim ao *bullying* virtual ou *cyberbullying*. Nesse contexto, a reflexão recai sobre a utilização das tecnologias da educação e informação como um instrumento condutor para algumas dessas possibilidades. Assim, percebemos as necessidades educativas e formativas derivadas das transformações tecnológicas e virtuais vividas pela sociedade como um todo. Nesse sentido, nos tempos modernos as incertezas são muitas e as dinâmicas sociais on-line se apresentam cada vez mais velozes. Proliferam, nessa conjuntura, e, principalmente, dentro do contexto escolar, ações de agressão que hoje se corporificam sendo balizado como o fenômeno *cyberbullying*, bastante discutido na contemporaneidade. Assim sendo, partimos do pressuposto que a escola sendo um espaço de diversidade, de convivência com o/a outro/a, cabe principalmente a ela prever respostas e construir ações no intuito de combater tal fenômeno. Neste sentido a proposta deste estudo consiste em investigar, analisar e compreender através das relações estabelecidas e dos questionamentos propostos para os/as alunos/as do Ensino Médio de uma escola da rede estadual, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, de que forma este fenômeno incide a escola e suas implicações no contexto escolar a partir da percepção e atuação do orientador/a escolar, tendo em vista as possíveis formas de atenuar as causas desse fenômeno na esfera escolar, voltado para uma cultura de paz. Inicialmente, o presente estudo, discorre sobre a problemática contemporânea *cyberbullying* na escola, o uso das tecnologias e o uso das mesmas para uma cultura de paz. Conceitua o fenômeno *bullying* e *cyberbullying*, percebendo suas principais formas de demonstração e características. A legislação vigente para crimes virtuais e a problemática das relações considerando tais discursos como destaques no que tange o *cyberbullying*. Apresenta o contexto histórico do orientador/a escolar e o seu atual papel nesse contexto. Destaca, a partir a apresentação e análise das respostas dos/as alunos/as às questões de pesquisa, aspectos singulares do *bullying* e *cyberbullying* escolar e a importância da abordagem preventiva e partilhada como estratégias mais apropriadas para enfrentar o problema.

Palavras-chave: *Bullying*. *Cyberbullying*. TICs. Orientador (a) escolar. Cultura para Paz.

ABSTRACT

With advances in technology and the provision of social networks that now permeate almost all of society and is also present in school that the bullying phenomenon progresses and gains a new space to permeate cruelty, through interaction and connection of relationships, gaining more prominent every day in society and at school as a public body and social space of coexistence, thus passing the virtual bullying or cyberbullying. In this context, the reflection lies with the use of technology education and information as a guiding tool for some of these possibilities. Thus realize the educational and training needs arising from technological and virtual transformations experienced by society as a whole in this sense in modern times uncertainties are many and the social dynamics online present increasingly fast where relationships are established and the pleasure individual prevails over the collective, proliferate at this juncture and especially within the school context that aggressive actions today are embodied being marked as cyberbullying phenomenon, widely discussed nowadays. Therefore, the assumption of delivery that the school being a place of diversity, of coexistence with the other it is mainly her predict responses and build actions in order to combat this phenomenon. In this sense the purpose of this study is to investigate, analyze and understand through established relationships and proposed questions for students how this phenomenon affects the school and its implications in the school context from the perception and role of the mentor school, in view of the possible ways to mitigate the causes of this phenomenon in the school sphere, facing a culture of peace. Initially discusses the contemporary challenge cyberbullying at school, the use of technology and the use of them for a culture of peace. Conceptualizes the phenomenon bullying and cyberbullying, realizing their main forms of demonstration and features. The legislation for cybercrime and the issue of relations considering such speeches as highlights regarding cyberbullying. It presents the historical context of the guidance counselor and your current role in this context. Highlights unique aspects of bullying and *cyberbullying* school and the importance of preventive and shared approach as most appropriate strategies to address

Keywords: Bullying. Cyberbullying. ICT. School counselor. Culture for Peace.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Questão 1: Com que frequência entro na Internet?	38
Figura 2 - Questão 2: Se entro seguidamente na Internet, quantas horas por dia passo na rede?.....	40
Figura 3 - Questão 3: Onde costuma usar a internet?	42
Figura 4 - Questão 4 - O que costuma fazer na internet?	43
Figura 5 - Questão 5 - Participa de redes sociais. Qual mais acessa?	44
Figura 6 - Questão 6: Você alguma vez foi vítima de violência na internet?	46
Figura 7 - Questão 7: Se você já sofreu algum tipo de violência na rede, poderia mencionar qual foi a motivação?.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Questão 1: Com que frequência entro na Internet?	50
Quadro 2 - Questão 2: Se entro seguidamente na Internet, quantas horas por dia passo na rede?.....	50
Quadro 3 - Questão 3: Onde costuma usar a internet?.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BB	Banco do Brasil
CC	Código Civil
BR	Brasil
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PROINFO	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O USO DAS TECNOLOGIAS: OS DOIS LADOS DA MOEDA	15
2.1 Tecnologias digitais na Educação	15
2.2 Tecnologias num contexto de uma cultura de paz: alguns apontamentos..	17
3 BULLYING E CYBERBULLYING	21
3.1 <i>Bullying</i> : Conceito e Características	21
3.2 Do <i>bullying</i> ao <i>cyberbullying</i> : consequências sobre o ambiente escolar...	24
3.3 <i>Bullying</i> e <i>Cyberbullying</i> : aspectos legais	25
4 O LUGAR DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NESTE CONTEXTO	31
4.1 O orientador educacional frente ao <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i>	32
5 QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA	34
5.1 Objetivo geral	34
5.2 Objetivos específicos	34
5.3 Metodologia	34
5.3.1 Estudo de caso	36
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	38
6.1 Questionário	38
6.2 Grupo Focal	51
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A - Questionário	62
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	63

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, um dos principais desafios que se impõe aos educadores/as é o de repensar a educação para além do computador e internet, que se encontra presente em grande parte das escolas. Vivemos um momento em que as tecnologias fazem parte do dia-a-dia das pessoas em casa, no trabalho e ambiente escolar. Essa relação diária com a interconectividade é cada vez mais abrangente, através de computadores, *tablets* e *smartphones*, atingindo a todas as classes socioeconômicas.¹ Dessa forma, temos uma popularização cada vez maior, no meio social brasileiro, de uma *cybercultura* (LÉVY, 2001), na qual as relações sociais acontecem e são mediadas através da rede, em um mundo interconectado, estabelecendo novas formas de comunicação e provocando oportunidades e desafios.

Dentre os desafios, nos confrontamos com necessidades não somente técnicas, no que diga respeito à infraestrutura de redes, por exemplo, mas também éticas, com relação à liberdade individual, à configuração do que é público e do que é privado na cultura digital e à construção dos limites entre o que se pode ou não fazer na vida on-line. Desta maneira, devemos, enquanto educadores, estar atentos para utilização da *cybercultura* em favor da construção do conhecimento e do respeito à constituição da subjetividade.

Neste sentido a partir das observações realizadas na escola onde atuo como orientadora educacional se faz a necessário repensar o uso das tecnologias da informação e comunicação a favor de práticas significativas voltadas para construção de sujeitos que se respeitem e passem a construir uma postura ética diante das variadas

¹Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD -, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – (BRASIL,2011), trazem dados interessantes para compreender essa situação, sobretudo com a população em estudo neste trabalho. Os dados apontam, com relação à utilização de internet por estudantes com mais de 10 anos em escolas públicas na região Sul por pessoas na condição de estudante, mantém-se, em uma análise longitudinal de 2005 a 2011, num patamar de 4.000.000 de usuários, com ligeiro decréscimo: 4,08 milhões em 2005 a 3,82 milhões em 2011. Ao mesmo tempo, o percentual do número de estudantes da região sul com mais de 10 anos que possuíam telefone celular mais que dobrou neste período teve um aumento de 32%, de 2,65 milhões em 2005 para 3,52 milhões em 2011. Por outro lado, o acesso à internet mais que dobrou, um aumento de 211% ao se considerar toda a população da mesma idade da região sul: de 5,74 milhões em 1005 a 12, 15 milhões em 2011. Ou seja, temos uma população acima dos 10 anos cada vez mais conectada à internet e com telefonia móvel, enquanto o acesso à internet de estudantes de escolas públicas, aparentemente, não aumentou neste período. Uma possível inferência a partir dos dados é que o número de acessos de estudantes de escola pública da região sul pode não ter aumentado em função da escola, mas que esse público estaria acessando a Internet de outros locais e por outros aparelhos que não os computadores nos laboratórios de informática das escolas.

possibilidades que lhes são apresentadas ao navegar na rede e fora dela para que as construções possam de dar com alteridade entre os sujeitos inseridos e participes da e na educação formal.

Neste recorte a presença da TIC na escola:

[...] pode representar um movimento ímpar, uma vez que nos permite pensar na redução das distâncias, numa maior integração das escolas entre si e com o mundo contemporâneo; não somente como consumidoras, mas como possibilidades de produzir conhecimento e de fazer de cada espaço escolar um lugar de produção coletiva, no qual sejam constituídas interações não-lineares e onde sejam fortalecidas essas redes de relações (SANTOS, 2002, p. 49).

Podemos assim verificar que, na realidade desta escola, as relações não são fortalecidas com uso das tecnologias e que, ao contrário do que se esperava, os recursos tecnológicos que a mesma dispõe acabam gerando conflitos e mal-estar entre os/as alunos/as.

Dentre essas tecnologias digitais, destacam-se, atualmente, as redes sociais. Estar conectado as redes sociais é alusão das diversas possibilidades de observação das relações sociais digitalizadas como resultado das novas formas de interação social². Para Recuero (2009) uma rede social é definida partir dos seguintes elementos: (1) os atores sociais (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede); e (2) suas conexões (laços de comunicação e de interação). Na contemporaneidade, as redes sociais são as ferramentas mais importantes da comunicação mediada pelo computador (RECUERO, 2009).

Deste modo, no encontro da escola com as tecnologias, a comunidade escolar, docentes e estudantes, considerados atores que também integram a rede social da instituição deveriam ter uma formação voltada para o uso das tecnologias para manejar as mais variadas situações frente a estes recursos uma vez que as intencionalidades

² Em 2015, uma síntese da Pesquisa Brasileira de Mídia (PBM) 2015 publicada em nota do Portal Brasil (BRASIL, 2015) traz ainda mais elementos para pensar esse descompasso entre acesso à rede e tecnologias digitais por outros meios que não a instituição escolar pública. Segundo a nota, 48% dos brasileiros acessam regularmente a Internet. O percentual de pessoas que acessam a Internet todos os dias subiu de 26% para 37% entre 2014 e 2015. A média de tempo de conexão é entre 4 e 5 horas. A pesquisa mostra que os jovens entre 16 a 25 anos são os usuários mais assíduos: 65% deles acessa todos os dias, e permanecem, em média, 5h59min/semana conectados. Segundo a mesma pesquisa, o uso de aparelhos celulares para acessar a Internet é de 66%, já competindo com o uso dos computadores (71%). Para se ter uma ideia de que a conectividade afeta a todas as classes sociais, os dados da pesquisa trazem que a média de conexão é de, no mínimo, 4 dias por semana é de 14% mesmo em famílias com renda familiar abaixo de 1 salário mínimo; 26% para famílias com renda entre um e dois salários mínimos e 43% para famílias com renda entre 2 e 5 salários mínimos.

podem ser para construção do conhecimento, pesquisa, redes de relações saudáveis, ou voltadas a prejudicar, expor, ofender e ameaçar, difamar o/a outro/a.

Cabe aqui a reflexão no sentido de não procurar “culpados” ou “demonizar” práticas de qualquer ordem, mas de sensibilizar a todos/as os/as envolvidos/as, todos os atores sociais que conformam a comunidade escolar para o questionamento de qual é o papel da escola e dos profissionais da educação na contemporaneidade e, nesse contexto, como utilizar as tecnologias, e, em específico, as redes sociais, em prol de uma cultura de paz. Contudo, alerta Freire (2000), da necessidade de busca incessante entre teoria e prática: “a teoria sem a prática é puro verbalismo inoperante, a prática sem a teoria é um atavismo cego”. Em função do exposto, faz-se necessário refletir sobre a formação docente e desenvolvimento de estratégias que possam auxiliar nas diferentes demandas do contexto escolar. O professor/a necessita, nesse sentido, exercer sua *práxis* no dia-a-dia para fazer o processo pedagógico acontecer, através de seu planejamento e manuseio dos recursos tecnológicos perante seus/suas alunos/as.

Segundo Freire (2000, p. 67),

Se nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente nossa opção [...]. O educador (a) se eterniza em cada ser que educa.

Dessa maneira, surge a necessidade de observar como os/as alunos/as estão utilizando os computadores da sala de informática e as demais tecnologias digitais, bem como de que maneira eles/elas estão lidando com os aspectos on-line do seu cotidiano, dentre eles, os referentes às redes sociais.

Em específico, interessa a esta pesquisa, e trata-se da motivação inicial do trabalho, a constatação na escola em estudo, na qual tenho a função de orientação educacional que, muitas vezes, os/as alunos/as ficavam sozinhos/as no laboratório, fazendo uso dos computadores e principalmente das redes sociais. Não raro, nestes casos, redes sociais como o *facebook* serviam como subsídio a prática ao *bullying* virtual, ou também chamado de *cyberbullying*.

Sobre o que tange o programa do governo Federal PROINFO³, ele prevê um professor formado em tecnologias para auxiliar os/as alunos/as e zelar pelo laboratório de

³ProInfo – É um programa votado para educação visando a promoção das tecnologias e seu uso nas áreas do conhecimento bem como visa a formação de profissionais para o uso das tecnologias. Disponível em:

informática, bem como um aluno-monitor com formação específica em redes ou sistemas operacionais para ser um multiplicador de conhecimentos e estratégias em tecnologias da computação e informação (BRASIL, 1997). Porém, a realidade da instituição em estudo aponta a distância entre essa e o proposto. Consta no PROINFO que os entes federados devam garantir o compromisso para formar educadores e monitores para o uso das máquinas e das tecnologias inseridas no laboratório de informática. Porém, na maioria das vezes, os/as professores não se sentem preparados/as para utilizar o laboratório de informática e não são todas as escolas que possuem os/as monitores/as. Dessa forma, não raro os/as alunos/as ficam sem acompanhamento no laboratório de informática, podendo realizar o que desejam frente ao computador, geralmente sem questionamento, nem orientação.

Não se pretende aqui desconsiderar a importância do uso da internet e das redes sociais como uma excelente ferramenta e subsídio de interação social e integração. Porém, neste estudo em específico, estudam-se ações que, muitas vezes disfarçadas de brincadeiras entre colegas, mas que mascaram condutas cruéis que intimidam e são repetidas sempre com a mesma vítima cujo poder destrutor é perigoso para coletividade. Referimo-nos à agressão, quando ocorrida na componente on-line do cotidiano destes estudantes, como *cyberbullyinng*, uma atitude que acontece através do “mundo Virtual”, ou seja, é o *bullying* gerando e alimentando a violência principalmente pelos meios de tecnologia.

Para Fante e Pedra (2008, p. 65),

Na sua prática, utilizam-se modernas ferramentas da internet e de outras tecnologias da informação e comunicação, móveis ou fixas com o intuito de maltratar, humilhar e constranger. É uma forma de ataque perversa. A diferença está nos métodos e nas ferramentas utilizadas pelos praticantes. O *bullying* corre no mundo real, enquanto o *cyberbullying* ocorre no mundo virtual. Geralmente nas outras formas de maus tratos a vítima conhece seu agressor, sejam ataques diretos e indiretos. No *cyberbullying*, os agressores se motivam pelo “anonimato”, valendo-se de nomes falsos, apelidos ou fazendo-se passar por outras pessoas.

Portanto, *cyberbullying* é um conjunto de condutas intencionais, que se repetem e incitam a agressividade dentro do espaço virtual. Neste sentido, as perguntas orientadoras deste estudo seriam: Como o *cyberbullying* se apresenta nesta escola? Quais suas dinâmicas? Seria possível caracterizar o contexto e/ou motivações pelos

quais ele ocorre? O interesse deste estudo, com tal levantamento, é a constituição, a partir do local de fala da orientação educacional, de estratégias para enfrentamento dessa questão.

Neste trabalho, procuram-se elementos para refletir elucidar as questões relacionadas às tecnologias da informação e comunicação, as redes sociais, o *facebook* como fio condutor das práticas do fenômeno *bullying* e *cyberbullying*, bem como seus conceitos, causas, consequências, prevalência, o papel desenvolvido pela orientadora educacional e a escola diante desse movimento que acontece entre os/as alunos/as desta instituição, assim como apontamentos sobre a configuração do *cyberbullying* como crime virtual e a legislação vigente.

Busca-se assim, como objetivo geral deste trabalho contribuir para o delineamento das dinâmicas pelas quais o *cyberbullying* se apresenta em instituições escolares de Ensino Médio e estratégias para prevenção alicerçadas numa cultura para paz.

Para tanto, o presente estudo organiza-se como um estudo de caso, que busca, como objetivos específicos: (1) realizar revisões bibliográficas sobre informática na educação, *cyberbullying* e o uso das tecnologias digitais no contexto de uma cultura de paz; (2) organizar, coletar, apresentar e analisar levantamento de dinâmicas sobre *cyberbullying* na instituição em estudo, a partir de questionários e grupo focal; e, (3) analisar os dados dos questionários, visando delinear estratégias para enfrentamento da questão.

O presente trabalho está organizado da seguinte maneira: Nos capítulos 2, 3 e 4, realizam-se as revisões de bibliografia e compõe-se o corpo teórico do trabalho. No capítulo 5, discute-se a metodologia de pesquisa, seus princípios orientadores e procedimentos. No capítulo 6, apresentam-se e analisam-se os dados de pesquisa. O capítulo 7 traz as considerações finais, revendo os passos da investigação e, a partir da análise de dados, retomando e problematizando as perguntas norteadoras deste estudo.

2 O USO DAS TECNOLOGIAS: OS DOIS LADOS DA MOEDA

2.1 Tecnologias digitais na Educação

A internet passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da era da informação: a rede sendo uma ferramenta que faz parte do dia-a-dia de grande parte das casas e escolas dos estudantes, contribuindo de maneira cada vez mais veloz para a construção de um mundo interconectado onde os organismos culturais acontecem, através também dos saberes compartilhados (CASTELLS, 2003).

A sociedade atual vive permeada pela tecnologia. Com o passar dos anos estes recursos só fizeram avançar, passando a ter grande importância para a sociedade, (re) dimensionando dinâmicas sócio-político-culturais que afetam a sociedade como um todo, bem como, em específico, na escola. As ferramentas digitais desempenham funções cruciais na comunicação compartilhada e coletiva. Segundo Lévy (2003) em sua obra *cybercultura*, novas possibilidades de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo tecnológico.

O mesmo autor também afirma que a rede⁴ de computadores é um universo que possibilita aos sujeitos conectados construir e compartilhar saberes coletivamente, no entorno de um grande afluente humanizador (LÉVY, 2003). Porém, este afluente humanizador possui sempre (no mínimo) dois lados: para o bem e para o mal. De um lado, toda a potencialidade do desenvolvimento humano e, de outro, todas as mazelas, desigualdades e potenciais de violência. Assim, a tecnologia contém, em si, dois lados, da mesma moeda. Como podemos observar as TIC's avançam no intuito de corroborar, melhorar, dinamizar a comunicação coletiva e auxiliar nas pesquisas e no campo do conhecimento.

Recorrer as TIC's na educação ressignificam as práticas pedagógicas:

A cada período percebemos o desenvolvimento tecnológico, por isso não é concebível que a escola não esteja em sintonia com essa difusão, ela é um

⁴A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida em nosso tempo transformando-se em redes de informações energizadas pela Internet. As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação (CASTELLS, 2003, p. 7).

ambiente proporcionador de discussão, reflexão, construção e troca de conhecimento (COSTA, 2010, p. 4).

Neste sentido, Santos (2002) também sinaliza que a presença das TIC's no cotidiano escolar pode representar um movimento ímpar, uma vez que nos permite pensar na redução das distâncias, dispendo de uma maior relação entre os ambientes sociais contemporâneos. Tendo o aluno um ambiente adequado para produzir conhecimento fortalecendo as redes de relações.

Grinspun (1999, p. 65) afirma que:

A fundamentação básica da educação tecnológica resume-se no saber-fazer, saber pensar e criar, que não se esgota na transmissão de conhecimentos, mas indica-se na busca da construção de conhecimentos que possibilite transformar e superar o conhecido e o ensinado.

Saber utilizar as tecnologias não é suficiente. Há a necessidade da construção de habilidades e comprometimento para aprender a utilizar as mais variadas possibilidades que as tecnologias têm nos proporcionando. Este aprendizado deve ser voltado reflexão para uma ação de análise, organização e tomadas de decisões para resolução dos problemas de forma crítica e responsável.

Segundo Lévy (2001, p. 17):

[...] é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Dessa forma, o objetivo não é só de ordem técnica, ou apenas de acesso às tecnologias. Somente o domínio das ferramentas tecnológicas não garante regras para o desenvolvimento da comunicação virtual. É igualmente necessária a formação para a inclusão de sujeitos participativos na construção de uma sociedade mais equitativa, onde a educação é seu principal agente de libertação, não somente nos aspectos dirigidos a apropriação de técnicas, mas também aqueles voltados à construção de registros pautados pela ética e pela cidadania.

Para tanto, refletir sobre o paradigma da conectividade é primordial, pois nem sempre estes recursos são usados para o bem comum. Assim encontramos um desafio pela frente que nos faz problematizar o uso das tecnologias no cotidiano escolar, percebendo este contexto através das relações que se apresentam entre os sujeitos que navegam nesse oceano de possibilidades. Conforme Martins (2011):

Os desafios contemporâneos requerem um repensar da educação, diversificando os recursos utilizados, oferecendo novas alternativas para os indivíduos interagirem e se expressarem. Repensar a educação envolve diversificar as formas de agir e de aprender, considerando a cultura e os meios de expressão que a permeiam (MARTINS, 2011, p. 1).

A autora propõe compreender as diferentes formas que as relações se apresentam no contexto das redes sociais e a forma que o corpo da escola lida com isso e auxilia os/as alunos/as a transformar a informação recebida em conhecimento de forma ética, colaborativa e construtiva.

2.2 Tecnologias num contexto de uma cultura de paz: alguns apontamentos

Conforme documento da Organização das Nações Unidas (ONU) “[...] a cultura da paz é definida como um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida, fundada no respeito integral à vida e no agenciamento dos direitos humanos e das liberdades básicas, fornecendo a promoção da paz entre todos os seres humanos e nações”. (ONU, 1999). Uma educação pela paz consiste de estratégias para fazer valer o respeito à vida e aos direitos humanos. Compreendemos a paz sob várias formas, seja como o estado de tranquilidade dos indivíduos seja pela ausência de conflitos. Podemos afirmar que, na sua ausência, se estabelece uma série de comportamentos indicadores de incapacidades em lidar com o diferente, com o novo, com o outro. Com os avanços tecnológicos, a habilidade pessoal em lidar com nossos pares e com os sistemas coletivos vem sendo reconfigurada na contemporaneidade. Privilegia-se o individualismo e o consumismo exacerbado, em detrimento da vida social e a construção do bem comum. Neste sentido devem ser lembrados os princípios de ação não-violenta como forma de se contrapor às tensões provocadas pelas relações on-line, que desembocam no *cyberbullying*, por exemplo, em prol de uma cultura de paz.

Para Mahatma Gandhi⁵: “O primeiro princípio da ação não-violenta é a não-cooperação com tudo que é humilhante” (SCHEFFER, 2015, p.4). A afirmativa de Gandhi nos faz refletir sobre o grande desafio que se impõe em explorar positivamente as ferramentas tecnológicas e principalmente as redes sociais.

Assim, ao adentrar no universo particular das escolas, em seus processos educativos vemos a diversidade de práticas que colaboram para os afastamentos de uma cultura de paz. Devemos pontuar que, a primeira ação para obtenção da paz e resolução de conflitos no ambiente escolar, é admitirmos a diversidade humana que nos cerca em qualquer esfera social, seja ela nas relações presenciais ou virtualizadas.

Assim, qualquer tentativa de homogeneizar ou estigmatizar padrões sociais ou comportamentos nas relações conceituais de valores dos diversos grupos de pertencimentos era vista como fator limitante na elaboração de ações promotoras da paz e da mediação de conflitos. Nesse sentido, faz-se necessário o estabelecimento de estratégias nas quais se preconiza uma leitura particular de cada grupo envolvido, cada qual com suas dinâmicas, demandas e especificidades.

O avanço na direção de uma cultura de paz ocorrerá na medida em que houver pro-ação e criatividade na ação docente, ao buscar reformular práticas pedagógicas e permitindo a serena ousadia na defesa da vida e dos direitos do ser humano. Essa dimensão, para além dos construtos teóricos, se dá na práxis, na qual a instituição utiliza a presença e o exemplo para influenciar positivamente a/à alunos/as, e dando a estes/estas o espaço para a construção de novas práticas onde a ação socioeducativa será fundada na interlocução dialógica.

De acordo com Guimarães (2005) a cultura para paz começa a ser atendida no contexto educacional nacional. Ainda que não tenha conseguido abranger a todas as questões da temática, as discussões sobre a cultura e por uma educação para a paz tem se esforçado em refletir sobre a violência que se impõe no ambiente escolar. Aos poucos a educação se volta para cultura da paz e começa a ganhar espaço e ser discutida em seminários, congressos e escolas, mundialmente e experimentadas por escolas visando programas efetivos para educação, através de organizações não governamentais.⁶

⁵ Foi o idealizador e fundador do moderno Estado indiano e o maior defensor do Satyagraha (princípio da não-agressão, forma não-violenta de protesto) como um meio de revolução (WIKIPEDIA, 2015).

⁶ Como exemplos de organizações voltadas para a cultura de paz, temos A UNIPAZ, que mantém a Universidade da Paz, em Brasília; pelo Instituto Nacional de Educação Para a Paz (IMPAPZ), em Salvador; Educadores para a Paz, em Porto Alegre; o Serpaz/Movimento de Resolução de Conflitos, em São Leopoldo – Rio Grande do Sul, a Rede em Busca da Paz, em Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul, têm sido pioneiras em realizar estudos e programas.

As práticas sociais para estabelecer uma cultura de paz baseada na tolerância e no respeito à diversidade humana, só podem ser implementadas na sua integralidade a partir de uma ampla compreensão do significado da paz não como construto teórico, mas como parte de um conjunto de práticas. Práticas que envolvem, junto a ações voltadas a valores de paz, perseverar no entendimento das causas conflituosas oriundas, não raro, das correntes do preconceito e da intolerância arraigadas em hábitos, muitas vezes naturalizadas pelo ambiente social.

Nessa perspectiva, a paz passa a ser considerada como o exercício do uso de ações de não violência, no entendimento de que, para sermos o que somos, não podemos violar ou violentar o direito elementar de outrem para ser, se expressar, e integrar a sociedade e, dessa maneira, contribuir para seu desenvolvimento e de suas práticas culturais.

Em uma cultura de paz, sempre estará em jogo a dinâmica da diversidade e da unidade cultural. Nesse sentido, é importante atentar quanto a falsas dicotomias. Seja as que enfatizam em demasia a diversidade das culturas, acabando por diluir as possibilidades de concebermos a humanidade também como uma unidade; seja as que enfatizam em demasia a unidade humana, tendendo a considerar como secundária a diversidade cultural.

Para além das falsas dicotomias, em uma abordagem da complexidade, um dos princípios da educação pela paz pontuaria pela concepção de unidade cultural de forma a garantir o direito à diversidade; e uma diversidade de monta a se inscreve e ressignifique, a todo tempo, a própria noção de unidade cultural, de acordo com Morin (*apud* DUPRET, 2002).

Para Diskin (2002, p. 7), nosso maior desafio é:

Transformar os valores da Cultura de Paz em realidade na vida cotidiana. Preparar a paz, portanto, significa: respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar; praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes.

A autora afirma que o contrário da paz é a violência, e não a existência de conflitos. Dentro da própria cultura de paz os conflitos são saudáveis. Mesmo as sanções podem existir, desde que tenham fins eminentemente pedagógicos. Devem ser explicadas e não podem ser feitas como retaliações. Os conflitos e mesmo as sanções devem ser considerados instrumentos pedagógicos de socialização, pois precisamos aprender a lidar

com os conflitos e que precisamos qualificar nossa escuta, pois lidaremos com variados fatores para construção de uma cultura voltada para paz.

Educar para a Paz é o princípio fundamental, não somente na resolução de conflitos, mas para estabelecer uma convivência mais saudável entre os seres humanos. Guimarães (2006) afirma que não haverá paz sem uma educação para paz, e que seus princípios devem fazer parte do cotidiano das as pessoas, e perpassar nos tempos e espaços da escola. É uma oportunidade de desenvolvermos coletivamente conceitos, frutos do diálogo e através da compreensão do ponto de vista do outro. É também uma oportunidade de darmos suporte emocional aos envolvidos, demonstrando o valor da confiança nas pessoas e nos processos que levam à paz (DISKIN, 2002).

Guimarães (2006), reafirma as falas da autora supracitada ao apontar que se preconiza assumir um modelo dialógico-conflitivo, necessário ressignificar conceitos tais como agressividade, pois a agressividade tampouco se opõe à paz; ao contrário, a agressividade é necessária, como expressão da vontade da potência de operar a paz.

Em nosso campo de análise, faz parte das estratégias para uma educação para a paz elencar ações em um mundo interconectado, onde os atores se relacionam também nas redes on-line cotidianamente, demandando atitudes reflexivas e dialógicas permanentes.

Em suma, Beust (2005, p. 15-16) declara que:

[...] sejamos guiados, a priori, por dois grandes princípios: a atitude dialógica e a unidade na diversidade. A atitude dialógica nos coloca num permanente diálogo com o outro, conosco mesmos, com o real, com o ideal, com a vida. Esse diálogo precisa estar baseado num profundo respeito pela diversidade humana. Mas também precisa estar alicerçado numa igualmente profunda certeza da unidade fundamental da humanidade.

Para Beust (2005), o diálogo é uma unidade dentro da diversidade de possibilidades que se apresentam para construção de uma cultura voltada para paz, mas que sem esse viés que é fundamental, não conseguiremos elencar projetos e vislumbrar outras possibilidades.

3 BULLYING E CYBERBULLYING

3.1 *Bullying*: Conceito e Características

Foi na Europa, a partir da década de 1990 que o *bullying* começou a ser pesquisado enquanto fenômeno social, pois foi através das inúmeras tentativas de suicídio entre adolescentes que passou a perceber-se que algo não estava bem. A partir de então, começa a realização de pesquisas e campanhas para reduzir as situações de agressão nas escolas.

Fante (2005), aponta que o pioneiro no estudo do *bullying* foi Dan Olweus descreveu alguns critérios para a diferenciação entre brincadeiras entre pares e o fenômeno *bullying* que, muitas vezes, passa despercebido e que, geralmente, é confundido com brincadeira, mas que, trata-se, na verdade, de uma demonstração de sadismo (FANTE, 2005).

Quem pratica *bullying* é denominado, em inglês de *Bully*⁷. Esta palavra, traduzida para o português, significaria, inicialmente, “brigão”. Temos aqui um problema de tradução, pois acaba associando *bullying* à violência física, quando o fenômeno é mais amplo. *Bullies* são pessoas que têm prazer em maltratar, agredir intimidar e humilhar outros sujeitos ou até mesmo grupos de sujeitos, utilizando-se ou não da violência física. Tais processos podem ser encontrados no meio social e, de forma mais específica a este estudo, no dia-a-dia das escolas, com grupo de estudantes que tem as redes on-line como uma componente cada vez mais importante nas suas vidas e relações sociais.

Bullying é aplicada na literatura especializada para nomear a prática de ameaça repetida, seguida de agressividade, ofensa e humilhação. Neste sentido, esta expressão abrange ações agressivas, que são propositais e repetidos e que incidem sem motivação visível. São ações realizadas por um/a ou mais estudantes contra outros/as, causando dor, humilhação, aflição e ansiedade, e efetuadas dentro de uma relação díspar de poder. Logo, tais ações repetidas entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as propriedades básicas, que possibilitam a ameaça e a agressão da vítima (FANTE, 2005).

Tendo estudado este fenômeno, Costantini (2004, p. 69) define a prática de *bullying* como:

⁷ Para Silva, *Bully* é indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão. (SILVA, 2010, p. 21).

Um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica. É uma ação de transgressão individual ou de grupo, que é exercida de maneira continuada, por parte de um indivíduo ou de um grupo de jovens definidos como intimidadores nos confrontos com uma vítima predestinada.

Na língua portuguesa, inexistente vocábulo capaz de expressar todas as ocorrências e situações de *bullying* existentes. Olweus (2006, p. 126) aponta que determinadas palavras podem balizar e sinalizar ações se apresentariam como *bullying*: botar apelidos, insultar, zoar, zombar, humilhar, implicar, ofender, causar sofrimento, perseguindo, intimidando, agredindo, ferindo. Middleton-Moz e Zawadski, (2007, p. 21) conceituam o *bullying* como:

[...] atos, palavras ou comportamentos prejudiciais intencionais e repetidos. Os comportamentos envolvidos no *bullying* são variados: palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiatório e acusações, isolamento, atribuição de tarefas pouco profissionais ou áreas indesejáveis no local de trabalho, ameaças, insultos, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou de gênero.

Pereira (2002) afirmando que, na diferenciação de outros comportamentos agressivos, o *bullying* passa a ser identificado pela finalidade de fazer mal, pela insistência, perseguição, intimidação regular que não acontece por acaso, pela satisfação de uma prática ao qual a vítima é sujeito. Na maioria das vezes, os agressores se apresentam ou como mais fortes fisicamente, ou com traços de perfil agressivo e. Geralmente, as vítimas não estão em posição de se defender ou de procurar auxílio, pois sentem-se impotentes perante seu agressor. Já Silva (2010) aponta para a distinção entre *bullying* e outras formas de violência. O autor menciona que a prática do *bullying* tem prosseguimento no tempo e que o mesmo não se dá de maneira eventual, mas sim que são rotineiras. As vítimas são marcadas pelo *bullying*, e quando a abuso acontece os agressores sabem bem o que fazem e de que maneira devem fazer.

Para Beaudoin e Taylor (2006), a caracterização principal do *bullying* se dá na intenção de prejudicar, humilhar, denegrir a imagem e autoestima do outro. No mesmo sentido Pereira (2002) considera o *bullying* parte de "um anseio sólido acompanhado do desejo de provocar sentimentos ruins no outro, como magoar, ferir e amedrontar, física, verbalmente como psicologicamente". Constantine (2004) descreve que o *bullying* não são conflitos naturais entre os sujeitos, mas são atitudes de intimidação planejadas através de ameaças, com violência física ou psicológica. Para Middleton-Moz e Zawadski

(2007), o *bullying* é um ato intencional e repetitivo tendo como principal função a crueldade.

Além, disso, deve se ressaltar chama a atenção para o fato da instituição escolar ser um local privilegiado para a ocorrência de *bullying*. Assim comenta Olweus (*apud* FANTE, 2005, p. 97):

[...] não há dúvidas de que a maioria dos casos de *bullying* acontece no interior da escola. Porém, para que um comportamento seja caracterizado como *bullying* é necessário distinguir os maus-tratos ocasionais e não graves dos maus-tratos habituais e graves.

A autora destaca que nas escolas de todos os países existe a prática de intimidação abusiva e agressiva que caracteriza o *bullying*. A maior parte dos estudantes que sofrem *bullying* o suportam em silêncio, não revelando nem mesmo aos pais seu sofrimento e ameaças. Dessa maneira, entende-se que o *bullying* não consiste não apenas de violência física, quando uma criança precisa, por exemplo, acertar certo valor em dinheiro para que assim não sejam agredidas. É igualmente *bullying* o assédio moral, a difamação e a exclusão de natureza psicológica ou moral.

A vítima de *bullying*, pontua ainda Fante (2005), vive em um estado de pavor, pois vivenciam a intimidação por seus algozes. Sentem-se solitárias e humilhadas de tal modo que não conseguem nem se relacionar com quem desejam. Também enfrentam dificuldades para trabalhar em grupo. Tais atividades tornam-se difíceis, pelo medo de convívio com os/as demais estudantes. Também caracteriza a vítima de *bullying* não gostar e não querer mais ir para escola.

Segundo Middelton-Moz e Zawadski (2007), a dinâmica pela qual o *Bullying* ocorre impõe a vítima o silêncio, com a promessa de maior sofrimento caso revele a terceiros o que vem sofrendo. O *bully* tem seu comportamento reforçado através da indiferença de pessoas e instituições, dentre elas a escolar, em relação a tal ação.

Os alunos/as, que assistem as cenas de *bullying* em sua maioria se calam, pois, temem tornar-se vítimas das agressões também. Mesmo não passando as agressões diretamente, sentem-se inseguras e incomodadas. Algumas delas são influenciadas negativamente e por vezes enfraquecem seu aproveitamento escolar (FANTE, 2005).

A vítima que sofre com os assédios do *bullying* não se contrapõe a tais situações humilhantes e não procura o professor/a, diretor/a e o orientador/a da escola porque se sente envergonhado/a, principalmente por sentir-se exposto perante a comunidade

escolar, temendo ainda, sofrer mais, ou seja, que os próprios colegas passem a realizar tais gozações e humilhações, ou até mesmo por conformismo e medo de ser ameaçado novamente. Os/as colegas que presenciam tais cenas degradantes acabam passivos diante de tais situações por temerem serem a próxima vítima do *bullying*. Ainda conforme Fante (2005), os trabalhadores da educação principalmente o/a professor/a pode não perceber que o/a aluno/a está sofrendo por ser vítima de *bullying*.

3.2 Do *bullying* ao *cyberbullying*: consequências sobre o ambiente escolar

Com a popularização das tecnologias digitais e da conectividade via Internet, o *bullying* se reconfigura no contexto da via on-line, e ganha contornos do que hoje denominamos *cyberbullying*. Conforme Silva (2010), o *cyberbullying* acontece a partir do advento e popularização das TIC's no meio social, pois é por intermédio dos recursos tecnológicos que o agressor se utiliza para atacar suas vítimas.

Matos *et.al* (2009) afirma que *cyberbullying* é uma extensão do *bullying* e o conceitua da seguinte maneira:

Nesta perspectiva, o problema do *cyberbullying* surge com características semelhantes ao *bullying* tradicional – assente numa assimetria de poder entre agressores e vítimas e responsável por causar danos psicológicos de longo termo nas vítimas, que podem ir da baixa auto-estima ou depressão, até ao insucesso escolar e ao suicídio – com a diferença de ser perpetrado mediante o uso de meios electrónicos (MATOS et al, 2009, p.17).

De qualquer forma, sofrer agressões pessoais, ou seja, estando frente a frente com o agressor ou no campo virtual, onde talvez se desconheça o algoz é algo cruel e deve ser passível de punição, pois ambas as formas podem acarretar vários problemas para as vítimas.

Na maioria dos casos apresentados e citados pela imprensa acabaram por denunciar atitudes e reações de pessoas que foram crianças vítimas de *bullying*. Em matéria publicada no portal UOL (SOUZA, 2015), aponta que cerca de um terço dos jovens entrevistados já tinham sofrido algum tipo de ofensa pública na Internet. Em matéria publicada no portal R7, (R7, 2011), menciona uma grande pesquisa ocorrida no Estado da Califórnia, na qual se constata que, ao contrário do esperado, uma das

motivações para o bullying não estaria tanto na depreciação do outro, mas na sua autopromoção no status de popularidade na escola.

De qualquer forma, embora sejam pouco os estudos sobre o tema, mas pode-se pensar, inicialmente, que o afã pela popularidade entre os colegas de escola pode ser um fator potencialmente significativo para a ocorrência, tanto do *bullying*, quanto do *cyberbullying*

Porém, de forma geral todos os alunos acabam sendo atingidos negativamente pela prática do *bullying*, pois passam a vivenciar sentimentos de aflição e medo. Assim, alunos, que assistem as situações das práticas do *bullying*, presenciais e on-line, quando esses mesmos alunos começam a perceber que a prática pontual de agressividade e assédio não traz nenhuma implicação para os indivíduos que o praticam, e alguns poderão querer fazer o mesmo, ou seja, praticar as mesmas atitudes repetidas e negativas.

Com o *cyberbullying*, o fenômeno, antes restrito ao ambiente escolar, trona-se potencialmente mais amplo, pois o/a estudante pode ser vítima de *cyberbullying*, ou mesmo cometê-lo, pode sofrer ofensas não somente presencialmente, mas também a distância e em outros locais que não a escola. Assim se faz importante a articulação social mais ampla, envolvendo comunidade escolar, para enfrentamento da questão. É de suma importância que as escolas tenham conhecimento de que tal fato existe, e que prejudica alunos/as, professores/as, famílias, mas principalmente a vítima, sendo assim para evitar tais manifestações negativas e repudiantes à escola deve adotar, bem como as políticas públicas medidas que venham evitar e prevenir essas manifestações (LOPES NETO, 2005). Um primeiro passo para o estabelecimento destas ações é um levantamento sobre as dinâmicas pelas quais o *cyberbullying* tem lugar na instituição escolar em estudo, sendo esse um dos objetivos centrais do presente trabalho.

3.3 *Bullying e Cyberbullying: aspectos legais*

Em nosso país, não existe uma legislação ou lei específica que combata os crimes virtuais. Já o Código Penal infere sob a propriedade intelectual, direito de imagem e direitos autorais, mas também não aborda especificamente crimes relativos ao

cyberbullying. Neste sentido, deve-se recorrer a demais legislações correlatas, dentre elas: Constituição Brasileira (BRASIL, 1988), Código Civil (BRASIL, 2002), Código Penal (BRASIL, 1940) e Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA – (BRASIL, 1990) para garantir proteção jurídica as crianças e adolescentes.

A Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), que em seu artigo. 3º, afirma que constituem objetivos fundamentais: IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Quanto ao Código penal, Silva (2010, p. 139) nos aponta que:

No Brasil, caso o *cyberbullying* seja praticado por maiores de idade e configure crime, cabe ação penal privada processar criminalmente o agressor que pratique crimes contra a honra, como calúnia, difamação e injúria) (Artigos 138, 139 e 140 do Código Penal Brasileiro, respectivamente) e ação penal pública (para processar criminalmente o agressor que pratique o crime de ameaça, por exemplo).

E se as condutas cometidas forem por menores de 18 anos:

O Ministério Público (com atribuição na Vara da Infância e da Juventude) se encarregará de pleitear ao juiz competente a apuração do ato infracional. Este, por sua vez, poderá aplicar as medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (SILVA, 2010, p. 140).

Em Porto Alegre, no dia 26 de março de 2010 foi sancionada a Lei municipal nº 10.866, visando desenvolver política *antibullying* nas escolas das redes públicas e privadas. O autor da Lei foi o vereador Mauro Zacher (Diário Oficial de Porto Alegre, de 29/03/2010). No mesmo ano a Assembleia Legislativa do Estado do Rio grande do Sul, aprovou no dia 25 de maio a lei nº 13.474 (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Atualmente, no Estado do Rio Grande do Sul podemos refletir, dialogar e usar como referência a Lei nº 13.474, de 28 de junho de 2010, publicada no DOE nº 121, de 29 de junho de 2010. Em seu Art. 1.º diz o seguinte: "As instituições de ensino e de educação infantil públicas estaduais ou privadas, com ou sem fins lucrativos, desenvolverão a política "antibullying", nos termos desta Lei". (RIO GRANDE DO SUL, 2010). No correr do documento, encontram-se os processos de encaminhamento das ocorrências de *bullying* e das estratégias "*antibullying*" no meio escolar:

Artigo 4.º - As ocorrências de “bullying” serão registradas em histórico mantido atualizado.

Artigo 5.º - Para fins de incentivo à política “antibullying”, o Estado poderá contar com o apoio da sociedade civil e de especialistas no tema ou entidade, através:

I - Da realização de seminários, de palestras, de debates;

II - Da orientação aos pais, aos alunos e aos professores, por meio de cartilhas; e

III - Do uso de evidências científicas disponíveis na literatura especializada e nas experiências exitosas desenvolvidas em outros países.

Art. 6.º - As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 7.º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

(RIO GRANDE DO SUL, 2010).

A lei aprovada unanimemente sustenta ações contra o *bullying*. Estas políticas afirmativas permitem que a escola passe a registrar as manifestações de *bullying* identificando o autor (a), bem como criar projetos e investir em formações para professores e comunidade escolar para prevenir tais ações nas instituições de ensino fundamental e educação infantil.

Assim a escola necessita sinalizar, intervir, orientar e propor ações pacíficas, pois na conjuntura atual para além das dificuldades que os alunos (as) encontram em relação a algumas disciplinas, como matemática ou física; o aprender a conviver, para muitos é o mais difícil é a principal lição a ser aprendida (FANTE, 2005).

A presença do fenômeno constitui realidade inegável em nossas escolas, independentemente do turno escolar, das áreas de localização, do tamanho das escolas ou das cidades, de serem as séries iniciais ou finais, de ser a escola pública ou privada. Isso significa que o *Bullying* acontece em 100% das nossas escolas (FANTE, 2005, p. 61).

No artigo Art. 3.º da lei 13.474 - No âmbito de cada instituição a que se refere esta Lei, a política “antibullying” terá como objetivos, entre outros:

I - Reduzir a prática de violência dentro e fora das instituições de que trata esta Lei e melhorar o desempenho escolar;

II - Promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito aos demais;

III - Disseminar conhecimento sobre o fenômeno “bullying” nos meios de comunicação e nas instituições de que trata esta Lei, entre os responsáveis legais pelas crianças e adolescentes nelas matriculados (RIO GRANDE DO SUL, 2010).

Assim reconhecer que o *bullying* é um fenômeno hostil e que gera as mais variadas formas de violência no interior da escola é um grande avanço para que se possa pensar em iniciativas que gerem ações bem-sucedidas que possam combater a violência.

Os educadores neste sentido devem receber formações sobre o tema de suas mantenedoras, pois como sinaliza COSTANTINI (2004, p. 70):

O adulto, no papel de educador, tem grande responsabilidade na ação de combate a esse fenômeno. Sua função seria, de um lado, chamar a atenção do agressor com firmeza em relação ao respeito ao outro, à convivência social e às regras ligadas a esta; de outro, desenvolver todas as práticas e estratégias pedagógicas que favoreçam a educação voltada para as relações e para os enfrentamentos entre os membros do mesmo grupo-classe.

Corroborando com tais ações a comunidade também deverá ser sensibilizado para assim se envolver na luta contra este fenômeno que aterroriza nossas escolas e nossos/as alunos/as. A prevenção ao fenômeno *bullying* deve ter seu início na prevenção e isso se dará através de ações de formação para os/as educadores/as e de todos/as os/as envolvidos/as no processo educacional. Somente com uma ação ampla de formação contribui para que, todos/as saibam identificar o *bullying*, diferenciá-lo de outras práticas e violência e lançar estratégias de intervenção a partir da realidade e especificidade de cada escola.

Uma ação formativa pautada através do diálogo é proposta por Beaudoin e Taylor (2006). Os diálogos colaborativos têm o intuito de fazer com que os/as alunos/as reflitam e que mudem de postura frente ao (*cyber*) *bullying*, por meio da reflexão, percebendo que a mudança de tal comportamento só tem a acrescentar coisas positivas em suas vidas.

Quando as estratégias são pensadas para a o/a aluno/a na rotina escolar, como decorrência de uma ação formativa mais ampla, envolvendo também a comunidade escolar, passa a se construir um compromisso transformador, pois se a violência se aprende através das relações sociais, também podemos agir na maneira de ensinar e refletir e produzir mudanças de atitudinais e posturais não violentas, atitudes como cooperação, respeito e a solidariedade, devem ser cultivadas no dia-a-dia escolar.

Neste sentido, a participação das famílias e responsáveis é fundamental. É necessário promover o entendimento de que *bullying* não é uma brincadeira. Há de se tratar o tema com atenção e diálogo constante com seus/suas filhos/filhas para que assim estas crianças e jovens se sintam seguros e apoiados. Por sua vez, também a família deve exigir apoio da escola até mesmo para saber se estes alunos são vítimas, agressores ou espectadores de casos de *bullying* (FANTE, 2005).

Está em discussão a tipificação do *cyberbullying* como crime virtual, tendo em vista o conceito primordial de crime, isto é, um fato característico, que é culpável e antijurídico.

Segundo o código penal: para que uma ação seja considerada antijurídica é necessário que exista uma Lei que a tipifique.

Baseado no Capítulo V do Código Penal (BRASIL, 1940), no que tange aos crimes contra a reputação, podem ampliar a compreensão e ajuizar que o *cyberbullying* se enquadra nos conceitos de crimes contra a dignidade, por meio de calúnia, difamação e injúrias tipificando assim o *cyberbullying* como crime perante a Constituição Brasileira.

No que se refere à calúnia do Código Penal afirma:

Art. 138 - Caluniar alguém lhe imputando falsamente fato definido como crime. Estando sob pena de detenção de seis meses a dois anos e multa. Parágrafo 1º- Na mesma pena incorre quem sabendo falsa a imputação a propala ou divulga (BRASIL, 1940).

Assim, a calúnia pode ser realizada não somente de forma presencial ou impressa, mas também por meio de computadores, *tablets* e *smartphones*, podem ser inclusos aqui como instrumentos para a ação de divulgar ou tornar públicas informações no intuito de caluniar e prejudicar a outrem.

Na argumentação sobre a tipificação do *cyberbullying*, entram também a injúria (artigo 139 do Código Penal) e a difamação (artigo 140). Chama a atenção o parágrafo primeiro do inciso 3º do artigo 140 (redação incluída pela Lei 9.459/97) que afirma:

§ 3º - se a injúria consistir na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de deficiência A pena será ampliada na reclusão de um a três anos e multa (BRASIL, 1940).

Baseada na compreensão do que diz a Lei por meio do Código Penal, entendemos a afirmação: "Que a violência dos preconceitos e da principal dos episódios de *bullying* e do *cyberbullying* crimes virtuais", segundo Maldonado, (2011).

Essas interpretações devem ser associadas com a percepção do ECA (BRASIL, 1990), diante das questões ligadas à honra e ao direito à imagem quando afirma, no artigo 3º: que

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 1990).

Com base nestes postulados jurídicos, Prado (2013, p. 538) aponta que:

Como visto, a prática de atos de *bullying* é repelida pelo ordenamento jurídico brasileiro, suas consequências são graves e transgridem princípios constitucionais como o da dignidade da pessoa humana, sendo assim, passível de indenização por danos morais. O Direito, como instrumento regulado na vida em sociedade, preocupa-se em síntese com a proteção de valores que são caros à vida humana, sendo assim, em casos onde não há solução no mundo extrajurídico, onde haja a real violação dos bens jurídicos protegidos constitucionalmente, o Direito deve ser acionado como ferramenta intermediadora, equilibrado assim a balança dos direitos.

Pensando em uma educação para a paz no contexto da vida on-line, esta deve ser usada como ferramenta a fim de construirmos prática para a construção de uma sociedade mais ética e justa diante de um irrestrito acesso as redes sociais.

4 O LUGAR DO ORIENTADOR EDUCACIONAL NESTE CONTEXTO

Ao refletir sobre o papel do Orientador educacional na contemporaneidade antes tão ligado a práticas que tinham o objetivo de manter o sistema político vigente e ao aconselhamento vocacional, agora faz parte de um contexto transformador, ainda que algumas escolas permaneçam como apagador de incêndios! .

De acordo com Grinspum (2003), o/ orientador/a pensa em práticas interdisciplinares que compreendam o contexto histórico-social, que permitam a construção de diálogos necessários ao ser mais humano em seu processo humanizador e justo, que articulem realidade e objeto e que discutam e reflitam questões sobre a diversidade. Ainda salienta que o/a orientador/a deva estar preparado para relações, contradições e conflitos que fazem parte de seu contexto a fim de buscar a formação do sujeito/a cidadão/a que se coloca consciente dos seus direitos e deveres através da participação voltada para ética e coletividade.

Insere-se nesse momento o/a orientador/a capaz de oportunizar situações que tenham os objetivos norteadores por práticas essenciais, tais como: valorizar a vivência do aluno; ter entendimento que cada um é sujeito de sua história e que o orientador/a é mediador da aprendizagem, ter uma escuta atenta para relacionar as falas às teorias e manter o diálogo sempre ouvindo suas experiências com linguagem e tratamento apropriado ao sujeito; compreender que participar do processo educativo é um ato político e, para isso, deve-se estimular o exercício da cidadania, no intento de levar o sujeito a construir sua autonomia.

Assim, a Orientação Educacional dinamiza o fenômeno educacional, abrindo os olhos para a verificação do cotidiano para, assim, orientá-los para a realidade social, como fenômeno educativo que acontece além da escola, compreendendo o processo de formação atitudinal e de vivência.

A sociedade tem estimulado as crianças e adolescentes a terem atitudes mais individuais que passam bem longe da reflexão e da responsabilidade com o outro e coma coletividade. A escola como um todo deve proporcionar a sensibilização de seus educandos fazendo com que eles se sintam parte de grupos e entendam a importância de sua presença e contribuição. Enfim, possibilitar que os educandos tenham conhecimento de sua realidade e que podem transformá-la, comprometer as ações ao processo educativo, proporcionar a formação da subjetividade. Tão importante quanto tudo o que

se pensa é realizar a caminhada com ética, questão tão presente nesse trabalho. Ser ético não é apenas seguir normas, é respeitar princípios, concepções. É diferente de agir de acordo com a situação, seguir a mesma linha de crença para todas as questões que possam surgir em no caminho.

Ser orientadora é estar preparada para modificar a educação de forma que ela favoreça a aprendizagem significativa, a formação dos educandos e a reconstrução da cidadania.

4.1 O orientador educacional frente ao *bullying* e *cyberbullying*

A violência vem ganhando a cada dia mais destaque na sociedade e a escola enquanto órgão público e esfera social não seriam diferentes.

Nesse contexto a escola se apresenta como uma engrenagem dinâmica que reflete a família e a sociedade e é nesse contexto que também podem ocorrer ações provocativas, agressivas, humilhantes disfarçadas nas brincadeiras. Porém, este fenômeno chamado de *bullying*, e deve ser levando em consideração, debatido e refletido por todos os membros que compõem a comunidade escolar como algo sério.

Como reflete Grinspum (2003), diante da realidade de acentuada violência urbana e ideológica, é fundamental que a educação promova conhecimentos e valores éticos na construção de suas bases epistemológicas curriculares, direcionando a pedagogia e a educação à reflexão e à conscientização das possíveis contribuições de redução à violência.

No que tange tal afirmativa da referida autora, no Brasil a educação vem estabelecendo diálogos e reflexões nos meios acadêmicos, políticos e sociais, na busca de respostas às necessidades que perfazem a educação e o processo formativo da mesma, pois o contexto social passa por transformações e dinâmicas que nos colocam em um biombo de incertezas a partir do momento em que o processo humanizador se faz cada vez mais individualista e competitivo. Neste sentido a satisfação individual acaba por prevalecer sobre o coletivo, aumentando em grande número de ocorrências e ações de violência dentro do contexto escolar, principalmente, sendo que hoje se corporifica no denominado fenômeno *bullying*. Assim a escola como uma unidade importante da ação educativa que vai para além dos conteúdos mínimos formais deve se ater também a construir ações no intuito de combater tal fenômeno.

Torna-se importante primeiramente que toda comunidade escolar, professores/as, alunos/as, funcionários/as, os/as orientadores/as educacionais tomem consciência da violência que existente na escola e circula nas redes, para posteriormente propor um trabalho preventivo junto a todos os sujeitos que fazem parte do ambiente educacional.

Buscando sempre desenvolver relações de cooperação, respeito e diálogo, fazendo com que todos assumam uma postura de alteridade e comprometimento com as construções de regras que servirá para todos. Assim quando ocorrerem as transgressões todos os sujeitos devem participar das ações previstas em acordos realizado por todos/as. Esses regulamentos devem conter principalmente atitudes de cooperação e que procurem pacificar o ambiente escolar e que mesmo que os alunos e alunas desobedeçam às regras que mesmo assim ele/a tenha possibilidade de refletir e aprender atitudes positivas e melhorar seu comportamento com o auxílio de seus colegas (FANTE, 2005).

Portanto a participação do orientador/a educacional é de fundamental importância pela natureza de suas funções, enquanto profissional diretamente ligado ao/às aluno/as.

Esse profissional ganha destaque nessa pesquisa, pelo fato do mesmo ser imprescindível dentro da escola, pois é primordial a atuação comprometida e responsável do orientador pedagógico, contemplando, em seus projetos, a formação do aluno como um todo, com o objetivo de promover o educando para atuar socialmente, de forma construtiva, responsável, consciente e autônoma.

No caso do fenômeno *cyberbullying*, a orientadora educacional atua em conjunto com o pedagógico e famílias, pois o *cyberbullying* vai para além da agressão física. Ele enfraquece, desestimula, entristece os alunos. Assim a Orientadora deve desenvolver, participar e estimular projetos que visem à mudança de paradigmas, trabalhar no sentido de formar, informar, valorizar os atos de respeito ao próximo, a elevação da autoestima e da paz. E nesse sentido, é preciso fortalecer as relações e os vínculos de afeto na escola e família, vinculando ações e estratégias “*antibullying*” envolvendo toda a comunidade escolar, em prol de uma cultura de paz.

5 QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA

Como o *cyberbullying* se apresenta na instituição em estudo? É possível caracterizar as dinâmicas pelas quais ele ocorre? Que estratégias para enfrentamento da questão são possíveis e viáveis neste contexto?

5.1 Objetivo geral

Contribuir para o delineamento das dinâmicas pelas quais o *cyberbullying* se apresenta em instituições escolares de Ensino Médio e estratégias para prevenção alicerçadas numa cultura para paz.

5.2 Objetivos específicos

- Realizar revisão bibliográfica sobre informática na educação, *cyberbullying* e o uso das tecnologias digitais no contexto de uma cultura de paz.
- Realizar levantamento de dinâmicas sobre *cyberbullying* na instituição em estudo
- Analisar os dados dos questionários, visando delinear estratégias para enfrentamento da questão.

5.3 Metodologia

A presente pesquisa é fruto de minha atuação enquanto orientadora educacional em uma escola pública de ensino médio situada na região metropolitana de Porto Alegre, tendo como definição o método de estudo de caso.

Neste sentido foi escolhida para a pesquisa, duas das nove turmas que a escola possui, pois é nas duas turmas de 1ª ano do ensino Médio, que ocorre o meu contato mais frequente com os alunos obtendo assim, uma observação mais detalhada, planejando e refletindo constantemente intervenções e direcionando ações para atenuar

as mais variadas ocorrências. A partir deste ponto de vista pretendo então, que este trabalho venha a incentivar os demais profissionais da educação a conhecerem e identificarem o fenômeno *cyberbullying* e a adotarem uma postura mais crítica no seu fazer pedagógico por princípios mais humanistas e humanizantes, manifestando capacidade ética de atuar como agentes de mudança, em busca da qualidade de vida de toda comunidade escolar, tendo por referência a cultura da paz.

Os dados dessa pesquisa foram analisados através de uma abordagem qualitativa, no intuito de fornecer informações para orientadores (as) a fim de que se esclareça e ofereça subsídios para diminuição do problema.

Por fim considera-se todo o processo como um desencadeador de novas posturas educacionais que valoriza e incrementa a formação do cidadão consciente da sua realidade dentro de uma escola reflexiva.

No entanto é possível e inevitável conscientizarmos a comunidade escolar de que temos condições de reduzir este fenômeno com estratégias de intervenção e de prevenção construídas com a participação de toda a comunidade escolar. Possibilitando a criação de estratégias para fomentar a cultura da paz.

Esta pesquisa constituiu-se como pesquisa qualitativa.

De acordo como Minayo (2000), esse tipo de pesquisa possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões, além de que os estudos qualitativos são realizados no local de origem dos dados.

Nos últimos trinta anos, a pesquisa qualitativa ganhou espaços em áreas como a Psicologia e a Educação. O autor ainda destaca que esse tipo de pesquisa costuma ser direcionado ao longo de seu desenvolvimento. Também vale ressaltar, que ela não busca enumerar, pois não emprega instrumentos estatísticos para análise de dado, seu foco de interesse é amplo. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos, mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo.

A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente.

A pesquisa qualitativa é geralmente associada à pesquisa exploratória que tem como finalidade proporcionar maiores informações sobre o assunto que irá investigar,

facilitando a delimitação do tema de pesquisa e orientando a fixação dos objetivos e a formulação de hipóteses.

5.3.1 Estudo de caso

O critério utilizado para escolha das turmas se deu pelo fato de a pesquisadora atuar diretamente com as mesmas como orientadora educacional, de tal forma que foi possível verificar a reincidência de agressões verbais que ocorriam através da rede social no cotidiano das aulas no laboratório de informática, onde as turmas ficavam acéfalas e eram levadas pela coordenadora de turno para o laboratório da mesma.

As duas turmas do 1º ano do Ensino Médio juntas contam com 44 (quarenta e quatro) alunos/as, sendo 26 (vinte e seis) meninas e 18 (dezoito) meninos, com idade entre 15 e 17 anos. Uma vez que, os casos de *cyberbullying* passaram a prejudicar a aprendizagem e convivência dos/as alunos/as passei a voltar o meu olhar como pesquisadora. Dessa maneira, pensei em explorar mais tais ocorrências e organizar dinâmicas e procedimentos propícios a fim de prevenir e minimizar as ocorrências de tal fenômeno na escola.

A metodologia aplicada nesta pesquisa foi o estudo de caso, que, segundo Triviños (1992) é uma pesquisa, onde o objeto de estudo é uma unidade que se deve analisar com profundidade para descrever determinada realidade justificando a opção por uma abordagem qualitativa uma vez que os dados serão analisados com base no aporte teórico construído.

Yin (2005) da mesma forma acrescenta que estudo de caso propende a entender um fenômeno contemporâneo de forma investigativa e em seu contexto real, onde o pesquisador geralmente se vale da observação, questionários, ou entrevistas bem como dados documentais visando à compreensão de uma dada realidade que se apresenta propondo o seu estudo e também intervenções.

O instrumento utilizado nessa pesquisa foi, inicialmente, questionário semi-estruturado com 9 questões, sendo 8 de múltipla escolha e a questão 9 de resposta aberta (Apêndice A). Precedeu o questionário um diálogo informal sobre o tema *bullying* e *cyberbullying* no intuito de fornecer subsídios para uma melhor compreensão dos partícipes, bem como informar que a pesquisa era sigilosa e que não seria necessário

identificar-se no instrumento, pedindo apenas a idade e orientação sexual dos participantes.

Para Gil (1999), investigar através do questionário é uma técnica investigativa que objetiva obter opiniões, situações vivenciadas, conhecimento sobre o assunto, interesse, sentimentos e etc. Todos os instrumentos foram aplicados pela própria pesquisadora em horário normal de aula. As técnicas e análise de dados se deram a partir do levantamento de dados, foram utilizados dois procedimentos de coleta, realizados em dois momentos distintos. Num primeiro momento, os participantes da pesquisa responderam individualmente a um questionário, contendo 08 (oito) perguntas.

Este procedimento, não previsto inicialmente, ocorreu em função de haver pouco tempo para preenchimento do questionário e a percepção de que a pergunta, originariamente a pergunta (9) do questionário (em anexo): *O que você proporia para que diminuísse o cyberbullying na escola e na Internet?* Seria mais produtiva se realizada no contexto de uma discussão coletiva do que meramente fruto de um posicionamento individual. Neste sentido, um segundo momento, a pergunta foi lançada, a todo grupo, uma pergunta, a partir da qual foi construído um texto coletivo. Nesse sentido, a pergunta 9 acabou seguindo orientações metodológicas que se aproximavam de um grupo focal. Morgan (1997, *apud* GONDIM, 2002, p.151) define grupos focais como “uma técnica de coleta de dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador”. A técnica está amparada no desenvolvimento de entrevistas grupais, porém com uma diferença no papel da mediação. Enquanto nas entrevistas grupais o mediador é mais diretivo, no grupo focal a abordagem do mediador é mais de facilitador da discussão (GONDIM, 2002).

Também nos valem, como fonte de dados secundária, os registros de minha atuação profissional como orientadora educacional no contexto da investigação.

Após os dados coletados me reporte à análise e interpretação dos mesmos. Pois, Conforme Pereira (2011), estes processos buscam a compreensão das variáveis encontradas no processo de investigação. Desta forma, pude, enquanto pesquisadora em minha atuação como orientadora educacional neste contexto, exercer uma ação voltada para a boa convivência e o respeito ao próximo.

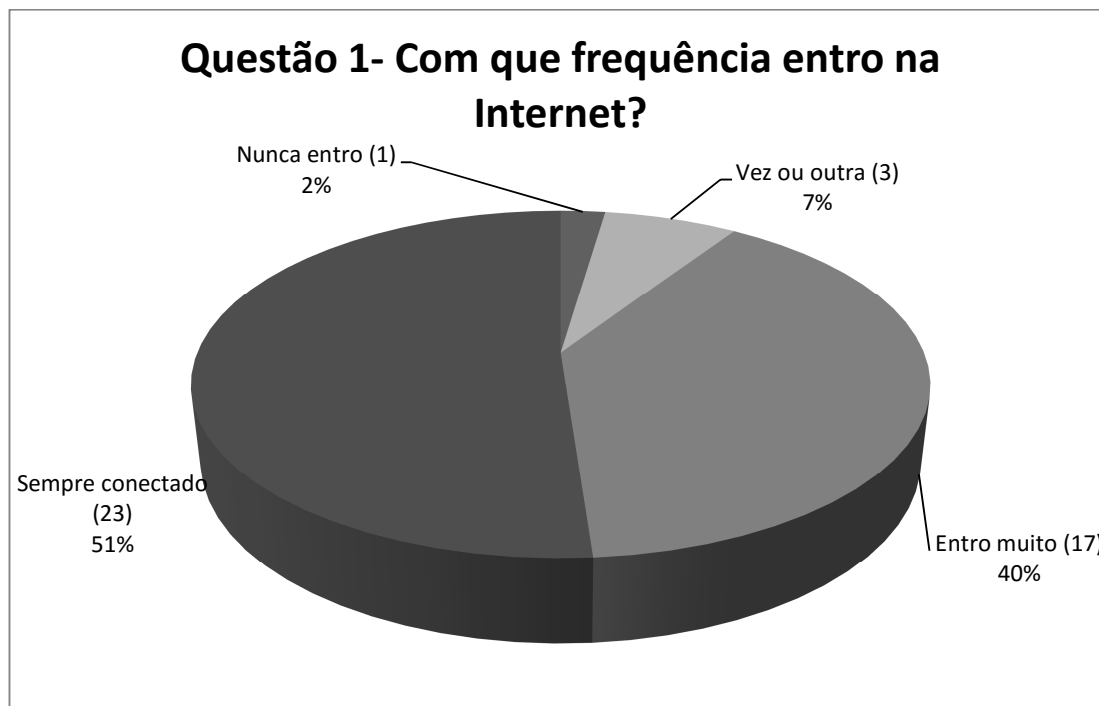
No próximo capítulo, apresentam-se e analisam-se os dados coletados neste contexto investigativo, enfatizando as questões de conectividade e alguns aspectos das dinâmicas do *cyberbullying* na instituição em estudo.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

6.1 Questionário

Ao iniciar a análise de dados, vale ressaltar que este estudo de caso visa analisar de que formas o *cyberbullying* se apresenta na escola, suas características e as formas com que ele ocorre nas redes sociais e internet, através das falas dos alunos/as poderemos construir estratégias para prevenção alicerçadas numa cultura para paz.

Figura 1 - Questão 1: Com que frequência entro na Internet?



Fonte: elaborado pela própria autora

Total respondentes: 44

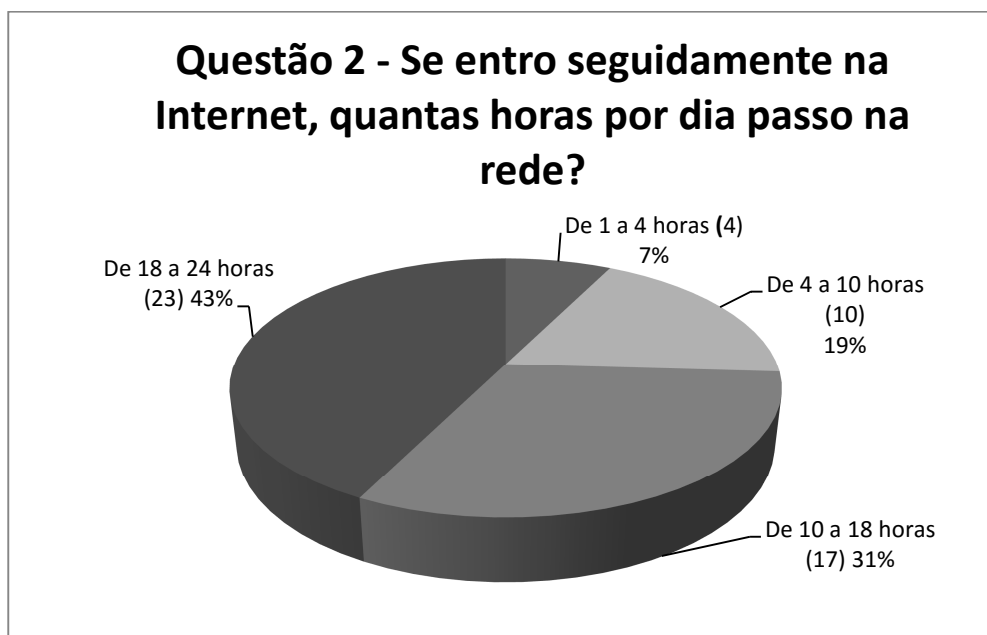
Na análise do primeiro gráfico podemos verificar que 51%, ou seja, mais da metade dos participantes da pesquisa estão sempre conectados, seguidos também de uma porcentagem bem significativa de 40% dos/as alunos/as que entram muito na internet. Logo temos 7% para aqueles que responderam que vez ou outra entram e 2% dos que

nunca entram ou nunca estão conectados à internet. Poucos/as alunos/as entram por vezes na internet e por último, apenas 2% nunca entram.

Através da análise o que pude verificar no gráfico que mais da metade dos/as alunos/as tem acesso à internet, ou seja, eles passam grande parte do seu tempo na rede, mesmo que inativos em alguns momentos estão conectados/as, principalmente em seus celulares e *smartphones*. A partir daí temos os/as alunos/as que entram muito seja em casa, celulares, *smartphones* e nos computadores de suas residências e os da escola. O terceiro dado a ser analisado é de que são poucos os/as alunos/as que quase não entram, e acabam conectando na escola e um que nunca entra.

Neste sentido havendo tantos/as alunos/as conectados/as e outros/as navegando quase que 24h por dia na rede, sendo que grande parte dos alunos tem o turno inverso duas vezes por semana na escola, facilitaria algumas ações na rede. O fato de mais da metade dos/as alunos/as estarem conectados o tempo todo para além de ser algo bom e proveitoso, pois poderiam realizar pesquisas, consultas e também entretenimento, questiono, até que ponto está conectividade continua é proveitosa no campo da pesquisa e do conhecimento. Aqui fica o sentimento de necessidade de orientá-los para o uso da internet, pois para que mais da metade esteja sempre conectada. Seguidos dos que entram muito, é sinal de que a internet chama muito atenção deles e é prazerosa. Estar quase que o tempo todo conectado é fazer parte, é sentir-se inserido no mundo virtual como se estar conectado de forma continua fosse como a própria existência de cada sujeito. Parafraseando Descartes, poderíamos pensar que, para os sujeitos respondentes, *“estou conectado; logo, existo”*.

Figura 2 - Questão 2: Se entro seguidamente na Internet, quantas horas por dia passo na rede?



Fonte: própria autora

Total respondentes: 44

Na segunda questão, a intencionalidade foi identificar quantas horas os/as alunos/as passam na rede. Qual é a relevância desta conectividade na vida destes jovens. Na questão anterior já pudemos verificar que grande parte passa sempre conectados, ou entram muito. Esta questão corrobora com a anterior a partir do momento que 43% dos alunos (as) passam de 18 (dezoito) a 24 (vinte quatro) horas conectados, seguidos de 31% dos que passam de 10 (dez) a 18 (dezoito horas) na rede. Logo 19% passa de 4 (quatro) a 10 (dez) e 7% de 1 (uma) a 4 (quatro) horas. Um dado acentuado que mostra que o jovem na contemporaneidade para além de vivenciar o mundo físico, também tem a necessidade de coexistir no mundo virtual. Os números encontrados são muito superiores aos informados pela Pesquisa de Consumo de Mídia (Brasil, 2015) que menciona que, para pessoas entre 16 e 25 anos, a média de horas semanais na Internet seria de aproximadamente 6 horas, sendo este o grupo que mais passa tempo na Internet, segundo esta pesquisa.

Para Recuero (2009):

As tecnologias digitais ocupam um papel central nas profundas mudanças experimentadas em todos os aspectos da vida social. A natureza, motivos, prováveis e possíveis desdobramentos dessas alterações, por sua vez, são extremamente complexos, e a velocidade do processo tem sido estonteante. (RECUERO, 2009 p. 12).

Perante tais mudanças, é difícil resistir ao determinismo das tecnologias e das relações que se estabelecem no âmbito virtual, é uma questão que me preocupa, pelo fato que as interações sociais que grande parte dos estudantes desta escola em específico não tem vivenciado. Nos cabe o questionamento até que ponto é saudável as relações que se estabelecem quase que o tempo inteiro no campo da virtualidade? Quais os tipos de relacionamentos estão sendo constituídos na contemporaneidade? Para Recuero (2009), essas relações são pela percepção do universo subjetivo influenciadas por elas e pelas motivações particulares desses atores. Neste sentido, se o jovem passa a maior parte do tempo conectado, pode-se prever que as relações sociais com seus pares se estabelecem não somente, mas em grande parte do tempo no campo virtual. Conseguirão eles/as criarem laços, vínculos se no dia-a-dia dedica a maior parte do seu tempo ao cyber espaço? Seria isso algo saudável?

Para Silva (2010):

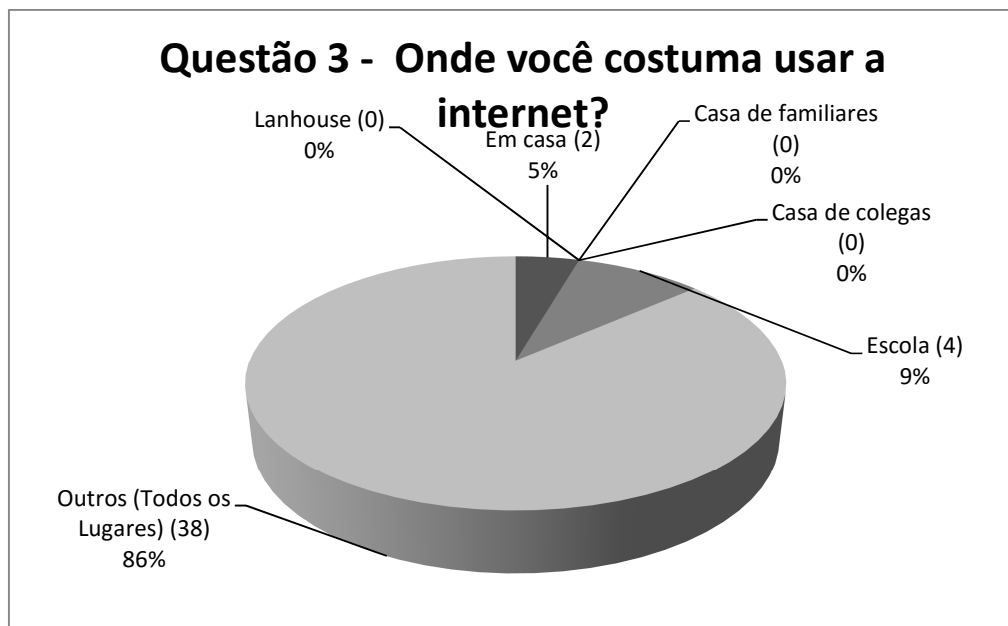
As relações interpessoais ficam limitadas à influência sociocultural de nossos tempos, e a amizade e o amor são apenas “relações superficiais cultivadas apenas com o intuito de tirarmos proveito”. Segundo a autora as relações que se estabelecem além de ilusórias são alienantes (SILVA, 2010, p.126).

Assim, podemos refletir sobre o processo de humanização que cada sujeito/a passa ao longo de sua vida, do aprendizado que se dá através das relações que se estabelecem com outro, das emoções e sentimentos mais variados que aprendemos a lidar através das vivências que partilhamos ao longo da nossa vida.

Outra questão que se apresenta é em relação ao controle destes sujeitos/as na rede, pois passando tanto tempo navegando internet, dentre as várias possibilidades de ações estes alunos (as) poderiam estar praticando *cyberbullying* e até mesmo sendo

vítima de tal fenômeno. Para (SILVA, 2010) os responsáveis devem estar atentos em relação ao uso que seus filhos/as fazem ao estarem conectados. Entendendo isso como parte de um comprometimento que vai para além do âmbito familiar, se refletindo nas relações entre a escola e a sociedade.

Figura 3 - Questão 3: Onde costuma usar a internet?



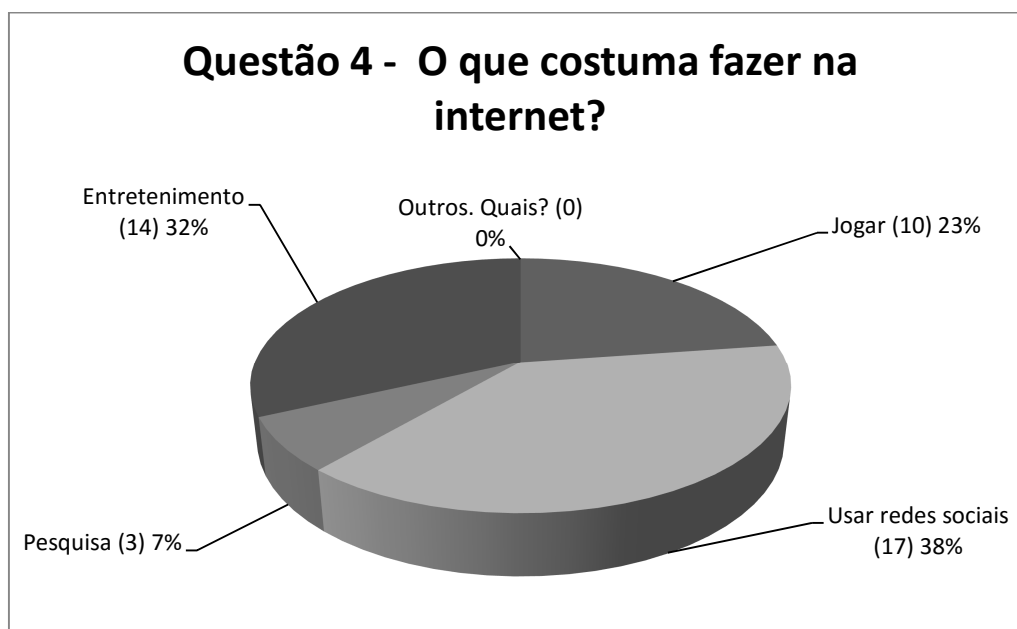
Fonte: elaborado pela própria autora

Total respondentes: 44

Nesta questão, além de colocarmos algumas opções fechadas sobre onde os alunos mais acessam a internet, dentro das seis sugestões a opção outros foi a que teve mais adesão devido ao fato relevante dos alunos/as estarem sempre conectados em seus *smartphones*. Embora não tenha sido uma pergunta específica do questionário, minha atuação como orientadora educacional na escola permite-me apontar, a partir de registro de minha observação, que a grande maioria destes alunos possuem este tipo de aparelho eletrônico.

Como mais da metade dos entrevistados disseram passar entre dezoito e vinte quatro horas conectados, pode-se depreender a importância do *smartphones como forma de conectividade dos sujeitos participantes da pesquisa*, indo ao encontro dos dados levantados na Pesquisa Nacional de Amostragem por Domicílio (BRASIL, 2011), que vem apontando aumento de utilização de telefonia móvel desta parcela da população.

Figura 4 - Questão 4 - O que costuma fazer na internet?



Fonte: elaborado pela própria autora

Total respondentes: 44

Em relação às rotinas dos estudantes na rede, 38%, ou seja, grande parte costuma se utilizar das redes sociais, 32% entretenimento que pode para além de filmes, músicas e outros fins, também serve como forma de entretenimento. Logo 23% usam para jogos. Na opção outros nada constou, resultando 0%.

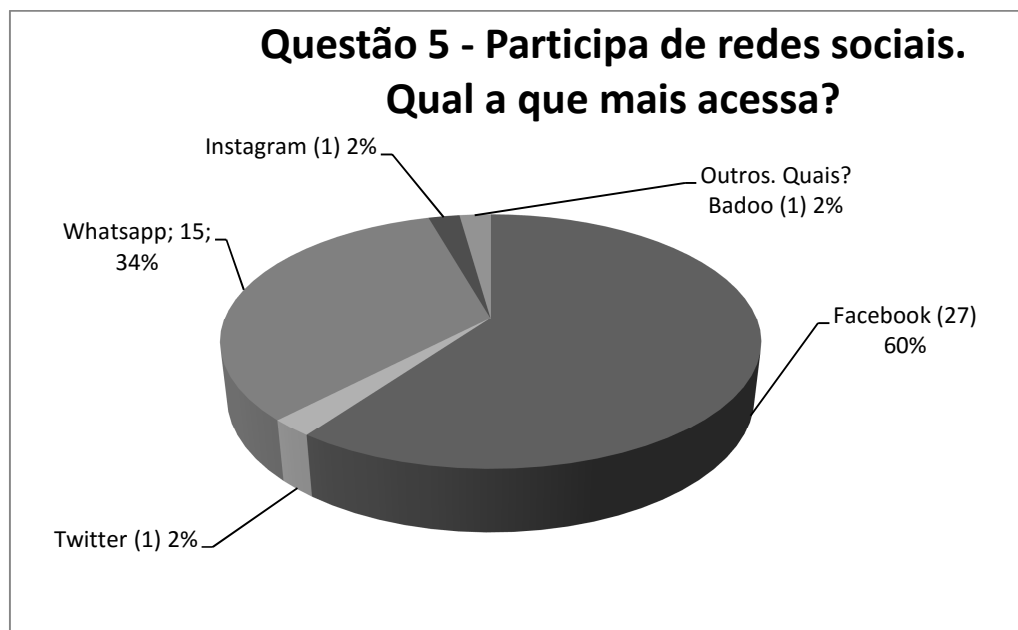
A partir dos resultados desta questão, há elementos para afirmar que estes estudantes se caracterizam como consumidores das redes sociais. A internet, também se pode depreender, é utilizada, sobretudo, tendo como forma de diversão (entretenimento e jogos). Infelizmente, a Rede, pelas respostas obtidas, é pouco usada para a realização de pesquisas.

Fica aqui entendido que o/a aluno/a não está sendo orientado para práticas voltadas a aprendizagens utilizando as tecnologias digitais e a Internet, ao contrário disso, os/as alunos/as usufruem da rede como entretenimento. Cabe à escola neste momento dialogar sobre a importância dos recursos tecnológicos e informáticos para transformar a informação em conhecimento.

Nesse sentido, faz-se necessário elaborar metodologias capazes de vincular o/a aluno/a à pesquisa e inseri-los/as dentro do campo da cientificidade, construindo um

sujeito autônomo, responsável e ativo dentro da sua construção de aprendizagem, crítico e social.

Figura 5 - Questão 5 - Participa de redes sociais. Qual mais acessa?



Fonte: elaborado pela própria autora

Total respondentes: 44

Nesta questão, 60% dos/as alunos/as utilizam o *facebook* como forma de interação social. 34% *whatsapp*, e os demais como *Instagram*, *twitter* e *Baddo* apresentam uma adesão de 2%, cada. O *facebook* é a rede social mais acessada pelos/as alunos/as. Para ter acesso ao *facebook*, é necessário abrir uma conta e para isso é necessário que o futuro usuário já possua um e-mail ou número de celular bem como ter idade igual ou superior a treze anos. Nesta pesquisa, todos os respondentes tinham cadastro na rede social.

O *Facebook* oferece uma plataforma para que os usuários se conectem rapidamente com amigos, familiares, colegas e conhecidos em vários grupos em rede. O *Facebook* promove a comunicação entre as diferentes redes sociais por meio de uma interface de usuário personalizável e uma variedade de aplicativos compatíveis para personalizar ainda mais a experiência. Dependendo da configuração, os usuários são notificados quando alguém da sua rede utiliza sua respectiva página ou status. Os usuários criam suas páginas com base em suas preferências pessoais; adicionam as pessoas em suas categorias de rede; e compartilham eventos, fotos, vídeos ou experiências (SAFKO; BRAKE, 2010, p.304).

Fica evidente neste nesta questão o quanto os/as alunos/as acessam essa rede como forma de interação social. Para Recuero (2005), os valores mais comumente relacionados aos sites de rede social são visibilidade, reputação, popularidade e autoridade, pois as redes sociais possibilitam um aumento dos laços sociais.

Sendo assim a autora afirma que quanto mais conectado está o nó, maiores as chances de que ele receba determinados tipos de informação que estão circulando na rede e de obter suporte social quando solicitar (RECUERO, 2009. P. 108).

A reputação e a popularidade incidem diretamente nas informações sobre quem somos e qual nosso posicionamento ante os fatos para que assim as pessoas possam construir, por sua vez, suas impressões sobre nós.

Assim, uma das grandes mudanças causadas pela Internet está no fato de que a reputação é mais facilmente construída através de um maior controle sobre as impressões deixadas pelos atores. Ou seja, as redes sociais na Internet são extremamente efetivas para a construção de reputação (RECUERO, 2009, p. 110).

A autoridade é o valor refere-se ao nível de influência desse consumidor/a sob a rede social, ou seja, devido à visibilidade dada pelos seus amigos sociais aos seus *posts* e comentários pelos demais que acessam a sua rede social, confere a ele/a uma visibilidade tamanha que ele se impõe como um/a líder, como uma autoridade. E para quem quer se aproveitar dessa autoridade e popularidade, a rede social e a internet é um campo fértil para isso.

Silva (2010) nos sinaliza que:

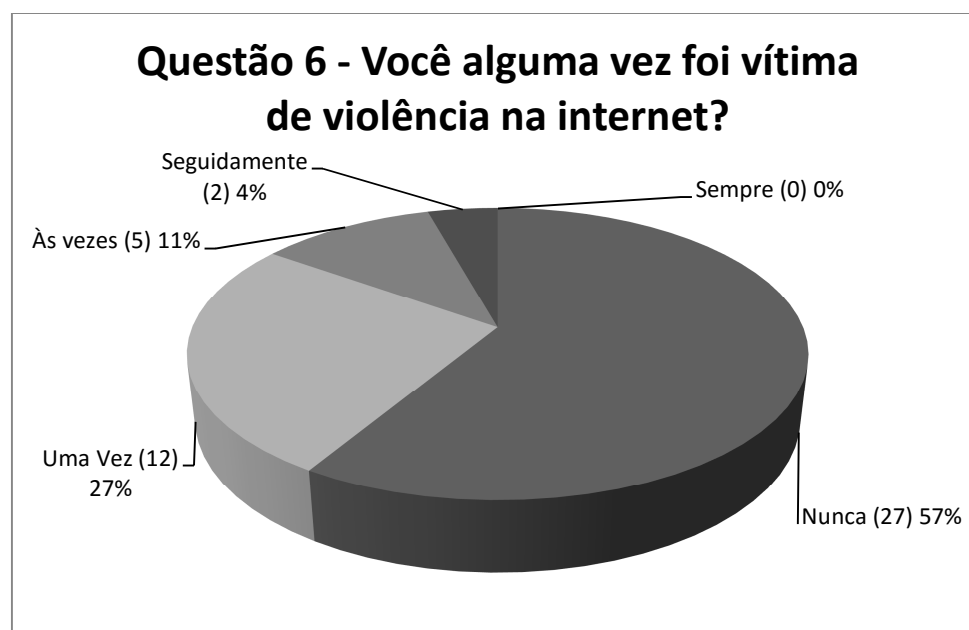
Os alunos precisam ser orientados em relação ao uso da internet e principalmente das redes sociais, onde o praticante de *cyberbullying*, pode criar um perfil falso para poder expor suas vítimas e realizar a prática da violência e exposição virtual (SILVA, 2010, p. 98).

De fato, se faz necessário orientar os/as alunos/as a respeito de tudo que tange o mundo virtual para que os mesmos não caiam nas armadilhas de pessoas que querem somente prejudicar o próximo.

Afirma Guimarães (2005) que não haverá paz se uma educação voltada para a sendo que a ação para paz se distancia do individualismo, foge do reducionismo, do eu e passa a levar em consideração o/a outro/a, pois é a construção de interesses coletivos.

Neste sentido, pensar na coletividade e me pôr no lugar do outro é de grande valia para que possamos obter sucesso na construção de uma cultura voltada para paz.

Figura 6 - Questão 6: Você alguma vez foi vítima de violência na internet?



Fonte: elaborado pela própria autora

Total de respondentes: 44

Ao verificar esta questão, o resultado mostra que mais da metade dos alunos (as) 57% afirmam nunca terem sofrido violência na internet. Contudo, meus registros como orientadora educacional das turmas dos participantes da pesquisa, apontam m que há de casos relevantes sobre *cyberbullying* neste grupo. Cabe pensar, entre outros em dois fatores: (1) a vergonha de se considerarem vítimas de agressão e; (2) a possibilidade de não considerarem a agressão sofrida como *cyberbullying*, em função talvez, da banalização do abuso e da violência nas relações sociais.

Assim, nesta questão precisamos estar atentos aos alunos que sofreram apenas uma vez que representam dos 44 (quarenta e quatro alunos), 27 (vinte e sete) e os que as vezes sofrem que são 5 (cinco) e os 2 (dois) que seguidamente sofrem com o *cyberbullying*. Cabe lembrar aspectos referentes à dificuldade da vítima de *cyberbullying* em colocar-se nesta situação, pois, segundo Fante (2005):

Normalmente sua autoestima é rebaixada e têm dúvidas quanto a si mesmas, comprometendo a formação de sua identidade, uma vez que o grupo exerce grande influência no processo de identificação e autoafirmação. Por outro lado, a socialização fica comprometida, pois os colegas passam a ser vistos como suspeitos. Muitas vítimas se isolam ou faltam às aulas com frequência, na tentativa de cessar os ataques, o que compromete sua vida acadêmica. Outras não resistem às gozações e mudam de escola, carregando a dor emocional e a frustração de ter sua reputação maculada. Em suma, as consequências são as mesmas das demais formas de vitimização do *bullying*, porém o sentimento de impotência é ainda maior, por desconhecerem seus algozes (FANTE; PEDRA, 2008, p. 71).

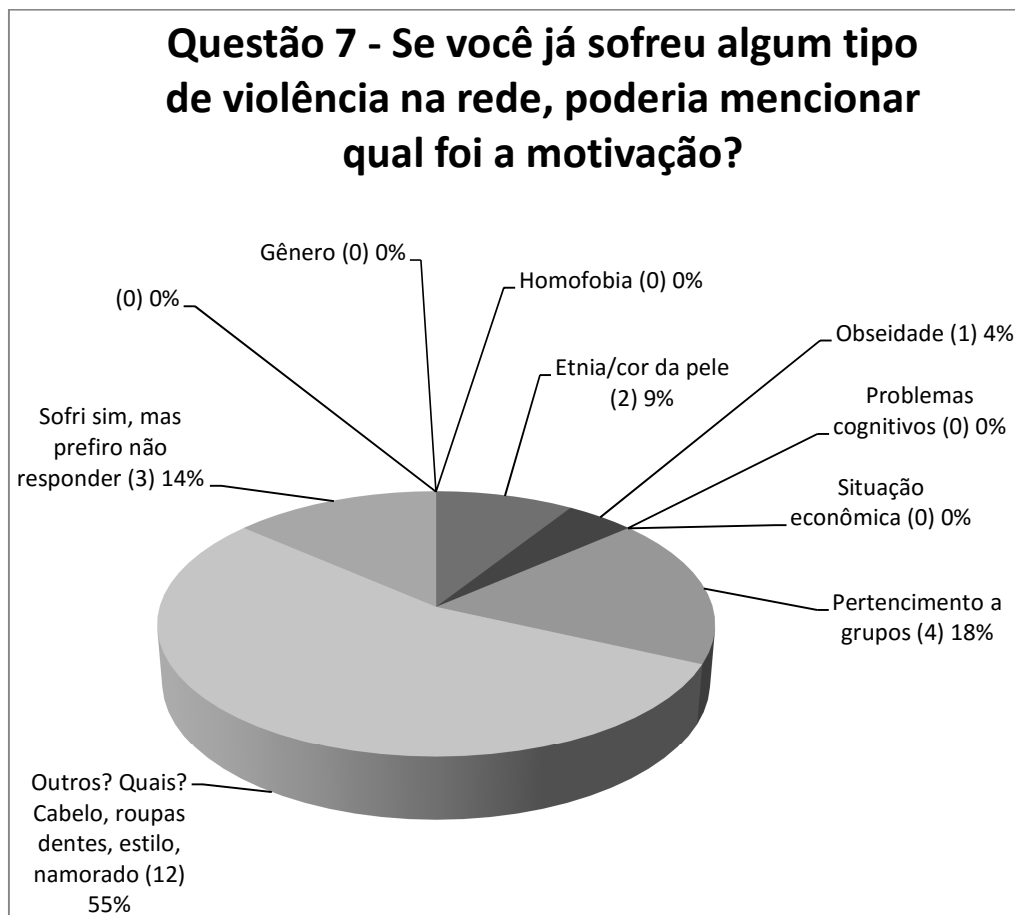
Para nós cabe identificar estes casos auxiliando as vítimas e realizando orientações e apontamentos para construir uma cultura de paz na escola para que esse tipo de crime pare de incidir, pois o mais preocupante é que este tipo de crime acaba se potencializando nos meios virtuais, pois neste módulo de interação o praticante de *cyberbullying* sente-se protegido pelo anonimato o que pode potencializar suas práticas criminosas diante das vítimas que geralmente não conseguem identificar seus algozes.

A responsabilidade pedagógica deve intervir e ser pensada juntamente com as legislações vigentes e através de formações voltadas ao tema.

Compreender que o advento da conectividade, mesmo que hoje, potencializado e expandido as mais variadas classes sociais e dispositivos, não dá o direito a qualquer sujeito que seja usar de práticas cruéis e criminosas para atingir e violar o direito do outro, seja por qual motivo for.

O direito de possuir uma conta na rede é validado a todos, mas isso deve ser usado de forma saudável e responsável.

Figura 7 - Questão 7: Se você já sofreu algum tipo de violência na rede, poderia mencionar qual foi a motivação?



Fonte: elaborado pela própria autora

Total de respondentes: 22

A questão 7 está vinculada a questão anterior. Foi solicitado, nesta questão, que aqueles/as que se sentiram, alguma vez, vítimas do *cyberbullying*, mencionassem a motivação do mesmo. Por isso, de todos os respondentes, 22 responderam a alguma alternativa. Chama a atenção o fato de, na pergunta anterior, somente 17 respondentes haver respondido que alguma vez sofreram este tipo de agressão. Ou seja, 5 pessoas que afirmaram não ter sofrido *cyberbullying* mencionam algum tipo de motivação, mesmo que seja indefinida (alternativa “prefiro não responder”). Novamente, pode-se pensar, tendo em vista esta diferença, nas questões relativas à vergonha (e medo) de se assumir vítima de tal situação.

Esta questão foi pensada a partir das falas dos/as alunos/as das duas turmas que participaram da pesquisa. Como orientadora educacional da escola e das turmas em que

se realizou a pesquisa, chegavam até mim relatos de casos de homofobia na rede, principalmente através da rede social *facebook*. Porém, no cotejo entre essa observação e o dado do questionário, causa surpresa nenhum/a aluno/a ter admitido ter sofrido *cyberbullying* com questões homofóbicas ou de gênero. Percebe-se aqui um grande tabu a ser superado no contexto escolar e, novamente, o medo da exposição da vítima, mesmo sabendo que seria mantido o anonimato na mesma.

A turma A é composta por 24 alunos, destes alunos (as) 15 (quinze) são meninas e 9 (nove) são meninos, sendo que em pesquisa na secretaria da escola ao realizar a matrícula os alunos auto declaram-se nas opções branco, amarelo, pardo, negro. Desses (as) alunos 14 (quatorze) se declaram negros e (dois) dois se declaram pardos, restando assim oito alunos que se declaram brancos. Na turma B conta com 20 alunos, sendo 11 (onze) meninas e 9 (nove) meninos. Nesta turma 11(onze) se declaram negros e 9 (nove) se auto declaram brancos. Mesmo havendo recebido relatos de questões de preconceitos em relação à etnia apenas dois alunos (as) responderam que já sofreram preconceitos por questões étnicas/ corda pele. Nos questionamentos obesidade e problemas cognitivos e problemas econômicos nenhum aluno se percebeu na questão. Já em relação de pertencimentos a grupos quatro alunos (as) disseram que sim. É comum na adolescência os alunos formarem grupos identitários, ou seja, grupos aos quais se sentem acolhidos que partilham das mesmas ideias curtem coisas parecidas e é provável que um outro grupo que não curta a mesma coisa acabe por fazer chacota dos demais grupos.

O que nos chama atenção é a resposta “Outros” da questão 7. Ela foi a que teve o maior número de respostas. Houve apenas 22 (vinte dois) alunos respondentes, mas destes 12 (doze) alunos (as) sofreram algum tipo de agressão na rede estimulada por outros motivos que não os que foram questionados previamente tendo como respostas: cabelo, roupas, dentes, estilo e namorados.

Essa disparidade entre as categorias pressupostas no questionário como motivação e os motivos mencionadas pelos respondentes na categoria “Outros” podem ser indícios de que são necessários mais estudos sobre as dinâmicas da juventude na contemporaneidade, talvez de caráter mais etnográfico sobre a comunidade estudada, tais como os realizados por Dayrell (2005) e retomados por Arroyo (2007), em escolas públicas de Minas Gerais, que auxiliem no mapeamento do perfil e das demandas e das linguagens que estão sendo construídas nesta fase da vida.

Tais respostas nos demonstram que o *cyberbullying* toca a subjetividade dos sujeitos de forma pessoal e quem sabe bem mais grave do que poderíamos imaginar. Este fato nos possibilita alguns apontamentos para as próximas investigações, pois as vítimas aqui apontam os fatos aos quais foram expostas e sofreram *cyberbullying*.

Questão 8- Você sabe o que é *cyberbullying*? Defina o termo com suas palavras.

Quadro 1 - Respostas

Quadro 1- Respostas	Nº respostas
Agressão na internet	5
Perseguição psicológica na rede	1
Violência psicológica e verbal na internet	4
Assédio moral via internet	1
Ameaças nas redes sociais	8
Agressão virtual	5
Perseguição e agressão contra pessoas ou grupos na internet	1
Total	25

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 2 - Respostas

Quadro 2 - Respostas	
Agressão contra a honra da pessoa	1
<i>Bullying</i> nas redes sociais	12
<i>Bullying</i> na rede	3
Nunca ouvi falar, somente bullying	1
Não sei explicar	2
Total	19

Total de respondentes: 44

Estas respostas permitem algumas aproximações iniciais quanto à compreensão do grupo com relação ao termo *cyberbullying*. No quadro 1, pode-se observar que as respostas mesmo compondo algumas variáveis em suas definições, são as que melhor conceituam e também se aproximam da definição do termo *cyberbullying*, ou pelo menos sugerem uma conotação com indicativos de um maior entendimento sobre o tema.

No Quadro 2, a resposta que aparece com maior número de incidência conceituando o *cyberbullying* é que ele é *bullying* nas redes sociais. Fica a dúvida aqui se realmente houve um entendimento por parte destes alunos (as) do que é o *cyberbullying*, pois foram respostas que não nos permite avançar, não neste momento e verificar o entendimento por parte dos participantes da pesquisa do que é *bullying* e do que é

cyberbullying. Sendo que as duas últimas respostas não estão contextualizadas dentro do que pode acontecer na rede.

6.2 Grupo Focal

Em função das demandas da pesquisa, a Questão 9 foi realizada em um segundo momento, e encaminhada de forma inspirada nos procedimentos de um grupo focal. Iniciamos aqui a Construção do texto coletivo tendo como subsidio o Grupo focal, sendo que o mesmo é uma técnica de pesquisa qualitativa onde geralmente é reunido um número determinado de partícipes, neste caso as duas turmas A e B do 1º ano, tendo como mediadora a pesquisadora que ia ouvindo as falas e registrando no quadro para o grande o grupo. Debus (2004, p. 3) conceitua grupo focal como uma propriedade técnica da dinâmica de grupo, onde há um moderador que conduz a técnica, objetivando aprofundar um tema ou assunto estudado. Assim cada partícipe foi ouvido, através de uma escuta atenta e reflexiva. O tempo de duração da construção do texto coletivo foi 45 (quarenta e cinco minutos). A reunião do grupo focal aconteceu em um encontro com as duas turmas que compõem o grupo participante da pesquisa.

Questão 09 - O que você proporia para que diminuísse o *cyberbullying* na escola e na Internet?

Quadro 3 - Texto Coletivo produzido em grupo focal a partir da pergunta: O que você proporia para que diminuísse o *cyberbullying* na escola e na Internet?

1	Mãe e pai tem alertar e ensinarem seus filhos a respeitar o próximo desde
2	pequenos. Uma maior interação dos professores com os alunos explicando o que é
3	<i>cyberbullying</i> . Trabalhar com as diferenças desde pequenos para que saibam
4	respeitar as subjetividades de todos os seres humanos. Explorar o tema dentro do
5	Seminário integrado de forma que os alunos se conscientizassem do que é e de
6	suas consequências. Palestras com vítimas do <i>bullying</i> e <i>cyberbullying</i> na escola
7	para que todos entendem que esse tipo de agressão faz as pessoas sofrerem.
8	debates com as escolas sobre o tema. Criação de um curta, encenando as
9	consequências do <i>bullying</i> na vida da pessoa. O ensinamento da ética mais cedo.
10	pro atividade de se colocar no lugar do outro. Explicar o quanto a agressão virtual não
11	é algo legal. Que na internet houvesse uma segurança maior, um controle, tipo,
12	quando for criar uma conta na rede tivesse que ter CPF, tendo como punição não
13	poder mais usar a rede social por um tempo determinado e caso houvesse repetição a

14	punição iria aumentando de tempo. Para além de assinar o contrato de uso das redes
15	sociais deveria haver explicitamente um contrato que explicasse o que é o <i>bullying</i> o
16	<i>cyberbullying</i> e que é passível de punição por ser crime contra a honra e dignidade
17	humana sendo de responsabilidade do usuário ou do seu responsável caso seja menor.
18	dinâmicas de grupos que mostre as desigualdades entre todos os seres humanos.
19	pesquisa de campo nas relações das diferenças para trabalhar a alteridade. Trabalhar
20	todas as formas de religiões e espiritualidade para que se possa conhecer para respeitar
21	todas. Trabalhar como tema gerador interdisciplinarmente para esclarecer e prevenir o
22	<i>cyberbullying</i> na escola e na comunidade.

Fonte: elaborado pela autora

O texto coletivo foi pensado para que as turmas pudessem refletir sobre o *cyberbullying* e discorrer formas de atenuar o problema no contexto escolar a partir da escuta do outro. Ele foi disposto em linhas numeradas para que assim pudessemos realizar considerações sobre as falas apresentadas, a pesquisadora escreveu as falas dos alunos em um quadro branco. Em um primeiro momento foi pedido que ambas as turmas, A e B reunidas no auditório da escola que fizessem propostas para que pudesse diminuir a incidência de *cyberbullying* no contexto virtual, principalmente no que toca a instituição de ensino.

Nas três primeiras linhas do texto foi sugerido pelos alunos/as que esse diálogo sobre respeito ao próximo, respeito às diferenças no tocante da subjetividade humana viesse primeiramente do âmbito familiar seguido de uma maior interação sobre o *cyberbullying* entre professores e alunos, mesmo não estando nas falas a pesquisadora pode observar que os alunos anseiam por uma aproximação entre a escola e a comunidade escolar.

Esse apontamento encontra ressonância em Guimarães (2005) que aponta:

Uma unanimidade em relação a necessidade de paz, da cultura da paz e da educação para paz, o pesquisador atento deve se perguntar pelo que se revela e se oculta nessas tantas manifestações (GUIMARÃES, 2005, p. 24).

Da linha quatro até a número oito, onde ainda dentro do contexto indicações para atenuar o *cyberbullying* na escola os alunos (as) propõem que se trabalhasse o tema

dentro do seminário Integrado⁸, pesquisas exploratórias sobre o que é o *cyberbullying* e suas consequências para todos. No mesmo espírito, sugerem palestras e debates com vítimas de *bullying* e *cyberbullying* na tentativa de sensibilizar a comunidade escolar.

Desta forma pode-se sinalizar o objetivo da participação e integração da família na escola o que (MALDONADO, 2011) chama de formação da cidadania responsável. Que é Família e escola são comunidades sociais em que é preciso combinar a satisfação das necessidades individuais com as necessidades da coletividade (p. 148).

Dentre as falas na linha de número (8) oito surge uma proposta para a criação de um curta, onde pudesse haver a representação de vítimas de *bullying* e as consequências que tal fato acarreta na vida de alguém, na mesma linha, seguindo até a de número 10 (dez) sugere-se o ensinamento da ética mais cedo se colocando no lugar do outro e de quanto isso faz mal para as vítimas.

Tognetta (2005) afirma que: “se a formação ética é, portanto, tarefa da escola, superar a violência o é por extensão”. Já Guimarães (2005) afirma que não haverá paz se uma educação voltada para a mesma, sendo que a ação para paz se distancia do individualismo, foge do reducionismo, do eu e passa a levar em consideração o outro, pois é a construção de interesses coletivos.

Isso surge por si entre humanos. Depende de um longo processo de aprendizagem e reflexão ética. É neste sentido que a educação se torna imprescindível para instauração e a manutenção da paz (Guimarães 2005, p. 15).

Nas linhas de número 11 (onze) até a 17 (dezessete) foi pensado uma maneira de se obter uma maior segurança na internet, a proposta sugerida é que ao criar uma conta na internet fosse item obrigatório o CPF⁹, havendo restrições de navegação para quem descumprisse o proposto do contrato de acordo, onde no mesmo constaria a explicação

⁸ Seminário Integrado constitui-se em espaços planejados, integrados por professores e alunos, a serem realizados desde o primeiro ano e em complexidade crescente. Organizam o planejamento, a execução e a avaliação de todo o projeto político-pedagógico, de forma coletiva, incentivando a cooperação, a solidariedade e o protagonismo do jovem adulto. A realização dos seminários integrados constará na carga horária da parte diversificada, proporcionalmente distribuída do primeiro ao terceiro ano, constituindo-se em espaços de comunicação, socialização, planejamento e avaliação das vivências e práticas do curso. (RIO GRANDE DO SUL, 2011, p. 26)

⁹ CPF – Cadastro de pessoa Física. É um banco de dados gerenciado pela Secretaria da Receita Federal do Brasil - RFB que armazena informações cadastrais de contribuintes obrigados à inscrição no CPF, ou de cidadãos que se inscreveram voluntariamente. <http://www.receita.fazenda.gov.br/pessoafisica/cpf/perguntasrespostas/perguntasrespostas.htm>, acesso em 07/07/2015.

do que é *bullying* e *cyberbullying* e que o mesmo é passível de crime e de responsabilidade do usuário, caso seja menor de idade, responsabilidade dos responsáveis.

Assim como nas primeiras análises do texto as linhas 18 (dezoito) e 19 (dezenove) os/as aluno)s/as propõem em outras palavras dinâmicas e pesquisas para que se possa trabalhar a relação de alteridade entre os sujeitos.

Nas duas últimas linhas a proposta é de conhecer todas as formas de religiões e espiritualidade com foco em um tema gerador interdisciplinar para esclarecer e prevenir o *cybebullying* na escola e na comunidade.

Após a análise deste primeiro momento pode-se delinear o quanto estes jovens querem entender mais sobre a temática e também anseiam por discuti-lo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi uma oportunidade de observar o que acontece no contexto da escola, através do olhar da orientadora escolar junto aos alunos do ensino médio e as formas em que acontecem as relações com as tecnologias e entre seus pares.

Mediante a atual realidade tecnológica que se insere dia-a-dia seja no universo, escolar, no trabalho e no cotidiano, emerge um questionamento das práticas realizadas pelos usuários que recorrem às tecnologias para os mais variados objetivos e o principal deles é o uso da rede social como forma de entretenimento e de se relacionar com o mundo, bem como contribuir para um melhor entendimento de tais fenômenos.

Assim a pesquisa identificou que a maioria dos jovens estudantes no ensino médio passa grande parte do tempo conectados na rede independente do lugar e que grande maioria delas, dedica seu tempo ao uso das redes sociais e entretenimento. Com esta averiguação podemos indicar que os alunos compõem sua conectividade a partir de seus *smartphones*, já que a grande maioria passa conectados de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro horas) por dia.

Os/as estudantes se mostraram muito receptivos e interessados/as pelo tema, até mesmo porque ou foram vítimas ou conhecem colegas que foram.

Podemos verificar felizmente que grande parte dos pesquisados não foi vítima de *cyberbullying*, mas um número bem relevante de alunos/as sim, isso nos leva a refletir de quão importante é dialogar sobre este tema na escola e junto à comunidade.

Adentramos em perguntas estruturadas dando possibilidades para que os jovens pudessem se manifestar na opção outros a partir da realidade vivenciada. Assim aparece em evidencia que o *cyberbullying* também é praticado devido as vestimentas, cabelo, roupas, namorado e dentes tocando a subjetividade de forma cruel e excludente.

Tudo nos leva a crer que esse tipo de agressão deriva dos pertencimentos a grupos e a ditadura da moda, beleza e estereótipos construídos por alguns grupos que semeiam a intolerância e criam suas próprias regras, pois quem não segue um padrão pré-estabelecido socialmente por esse grupo deve ser banido/a, perseguido/a, humilha/a, exposto/a e excluído/a.

A maioria dos alunos/as soube conceituar o *cyberbullying*, mas alguns estudantes têm observado tal fenômeno de maneira mais superficial, identificando-o apenas como *bullying*.

Quando trago a palavra superficial não é no sentido de banalizar o *bullying*, mas sim de reforçar que o *cyberbullying* é uma evidencia da pesquisa e que precisa ser tratado com seriedade por se dar pelas TIC's, assim corroborando para uma dificuldade bem maior de descobrir os *bullies*.

Desta forma o texto coletivo também nos traz alguns apontamentos importantes, a partir da indicação dos alunos/as, pois a partir de qualquer ângulo de observação do fenômeno *cyberbullying* e de suas causas, entendemos que as propostas de soluções precisam ter a interação dos pais e da escola como sua principal condução.

Para que isso ocorra, acredito que as soluções devem promover a convivência pacífica, iniciando pela escola e se expandindo para toda a sociedade, através do diálogo. Tognetta (2005) acrescenta a respeito do diálogo: É através do diálogo que conseguimos a tomada de consciência do problema. Se essas mudanças se iniciarem desde os primeiros anos escolares, reduzirão o comportamento agressivo e minimizarão a sua propagação do problema.

Para alcançarmos êxito na redução da violência, precisamos primeiramente, observar a conduta dos alunos na escola, onde os primeiros sinais de agressividade se manifestam entre os mesmos. Devido ao seu poder propagador e multiplicador das redes informatizadas, a escola deve instruir os alunos a lidarem com as várias ferramentas tecnológicas bem como lidar com suas emoções para que não se envolvam em comportamentos violentos, transformando-os em agentes disseminadores de uma cultura da paz que se estendam aos demais contextos de vida, principalmente o convívio familiar, e no cyber espaço, e assim não esquecer que a família tem que participar efetivamente de todos os programas voltados para paz.

Importante também é a educação está voltada para conscientização sobre a problemática da violência, e levar a comunidade escolar a conhecerem suas causas e refletirem sobre ela, a opinarem, a buscarem solucionar seus conflitos e a conviverem pacificamente

Acredito baseada nesse trabalho, que os alunos devem, desde mais tenra idade escolar, ser versados na habilidade de gerenciamento do uso das tecnologias e de alteridade participando da construção de uma sociedade mais justa, mais solidária e menos violenta.

O positivo afetivo deve ser mais valorizado nas relações interpessoais e na transmissão do conhecimento, uma vez que favorece de forma privilegiada o registro que

foi vivido, facilitando posteriormente o seu resgate para novas construções de cadeias de pensamentos. Isso favorece a mente na edificação de sua história intrapsíquica, no desenvolvimento de sua inteligência, na sua capacidade de auto expressão e na sua atitude de primar por cidadania e qualidade de vida.

Para que a violência seja repudiada há a necessidade e o olhar das autoridades esteja voltado à educação, pois é aí que se deve iniciar o processo de pacificação. Para isso, sugiro que os profissionais que trabalham como educadores sejam preparados para lidar com suas emoções e educar as emoções dos alunos, dando lugar, em suas aulas, para expressão de afeto, com isso, aprenderá a lidar com seus próprios conflitos e com os mais diversos topos de violências, especialmente o *cyberbullying*.

A educação, portanto, é o caminho que conduz à paz. A solidariedade, a tolerância e o amor são ingredientes cruciais para combater a violência e deve ser trabalhado cotidianamente desde a mais tenra idade e no coração de todos os seres humanos, em especial no coração daqueles/as que se dediquem à arte de educar, quem sejam pais ou professores/as.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Ed. Vozes: Petrópolis. 2007.

BEAUDOIN, MARIE-NATHALIE; TAYLOR, MAUREEN. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEUST, Luís Henrique. O valor dos valores na educação. In: **Revista Diálogo**, Ano X, n. 37, p. 14-18, fev. 2005.

BRASIL. **Código Penal**. Decreto Lei nº 2848, de 7 de dezembro de 1940. Documento disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 01 jul.2015

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. **Lei nº 8.069**, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L8069.htm>. 05 de abr. 2015.

_____. **Código Civil**. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Documento disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em 01 jul.2015

_____. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2011. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: Brasília. 2011. Documento disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/default.shtm>>. Acesso em: 01 jul. 2015

_____. Cerca de 48% dos brasileiros usam internet regularmente. **Portal Brasil**. Presidência da República: Brasília. Documento disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/cerca-de-48-dos-brasileiros-usam-internet-regularmente>> Acesso em: 01 jul. 2015

CASTELLS, MANUEL. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.

_____. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COSTANTINE, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos – Reflexões iniciais, novos sujeitos. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES,

Nilma Lino (orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DEBUS, M. **Manual de excelência em investigação mediante grupos focais**. In: E. Esperidião (org). Reflexões sobre a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa. São Paulo: Fundação Editora de UNESP, 2004

DISKIN, L. **Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas**. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001308/130851por.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Veros, 2005.

_____; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Documento disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso>. Access 12 Jul. 2015.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

GRINSPUN, Mirian P. S. Z. Educação Tecnológica. In _____ (org.). Educação Tecnológica: desafios e perspectivas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. (Org.). **Supervisão e orientação educacional: perspectivas de integração na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LOPES NETO, Aramis Antonio. **Bullying comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-158.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2015.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** São Paulo: Moderna, 2011. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/LivroActas.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

MARTINS, Maria Cecília. Situando o uso da mídia em contextos educacionais. 2011. Disponível em: <http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod83230/pdf/etapa2_1_situando_usoMidias_Beth.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

MATOS, A., Pessoa, T., Amado, J. & Jäger, T. (2009) “Cyberbullying: **o desenvolvimento de um manual para formadores**”. Livro de actas – Conferência Nacional 3 de Julho de 2009. Disponível em: <http://ticeduca.ie.ul.pt/atas/pdf/324.pdf>. Acesso em: 15 abril. 2015.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Malden: Blackwell, 2006.

ONU. **Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz**. Disponível em: www.comitepaz.org.br/dec_prog_1.htm. Acesso em: 01/05/2015.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PEREIRA, Gilson Almeida. **Limites e Afetividade**. 2 ed. Canoas. Ed. Ulbra 2011.

PRADO. Sibila Stahlke. **Bullying e responsabilidade civil: alguns aspectos essenciais**. *Revista dos tribunais*. São Paulo, ano 102, Jul. 2013. V. 933.

R7 NOTÍCIAS. **Pesquisa diz que principais alvos de bullying são alunos populares na escola**. 2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/educacao/noticias/pesquisa-diz-que-principais-alvos-de-bullying-sao-alunos-populares-na-escola-20150325.html?question=00s>>. Acesso em: 24/02/2015.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**. Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.474**, de 28 de junho de 2010. Dispõe sobre o combate da prática de “bullying” por instituições de ensino e de educação infantil, públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos. DOE nº 121, de 29 de junho de 2010. Disponível em: <<http://www.mprs.mp.br/infancia/legislacao/id5284.htm>>. Acesso em: 25 maio 2015.

SAKFO, Lon & BRAKE, David. **A bíblia da mídia social: táticas, ferramentas e estratégias para construir e transformar negócios**. Tradução de James Gama. 1. Ed. São Paulo: Blucher, 2010.

SANTOS, Selma Ferro. Processos de desenvolvimento de “novas práticas”: apropriação e uso de novas tecnologias. In: FILHO, Aldo Victorio; MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes (Orgs.). **Cultura e conhecimento de professoras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, Leticia Paola Almeida. *Bullying*: um problema mundial no cotidiano de estudantes do interior do estado de Mato Grosso - Cáceres MT. In: SEMINÁRIO DIREITOS HUMANOS NO SÉCULO XXI. 6, 2010, Marília. Anais... Marília: UNESP, 2010.

SOUZA, Mateus Luiz. Quase um terço dos jovens já sofreu ofensas públicas na internet. Portal UOL. Documento disponível em: < <http://temas.folha.uol.com.br/folha-20-anos-na-internet/a-geracao-conectada/quase-um-terco-dos-jovens-ja-sofreu-ofensas-publicas-na-internet.shtml>>. Acesso em 08 jul.2015.

SCHEFFER, Adriane Valéria Kiszka. Por uma educação de não-violência: não-violência faz diferença -violência faz diferença Fascículo IV - Programa de Desenvolvimento Educacional. Documento disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/31-2.pdf>>. Acesso em 03 jul.2015

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino. **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos**. In: PONTES, A.; LIMA, V. S. de (Org.). Construindo saberes em educação. Porto Alegre: Zouk, 2005. p. 01-22. Disponível em:<http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/Educacao/Doutrina/Bullyingeolharnecessarioaossentimentos.pdf>>. Acesso em: 12 de abril, 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO

Questão 1 - Com que frequência entra na Internet:

() nunca entrei; () vez ou outra; () normal; () entro muito; () Estou sempre conectado.

Questão 2 - Se entra seguidamente na Internet, quantas horas por semana passo na rede? _____

Questão 3 - Onde você costuma usar a internet?

() Em casa () Lanhouse () Casa de parentes () Casa de colegas () Outro lugar? Qual _____

Questão 4 - O que costuma fazer na internet?

() jogar () Usar redes sociais () pesquisa () entretenimento. Outros? Quais? _____

Questão 5 - Participa de redes sociais? Quais?

() Facebook () Twitter () Whatsapp () Instragram () Outros? Quais? _____

Questão 6 - Você alguma vez foi vítima de violência na Internet?

() Nunca () Uma vez () Às vezes () Seguidamente () Sempre

Questão 7 - Se você já sofreu algum tipo de violência na rede, poderia mencionar qual foi a motivação?

() gênero () homofobia () etnia/ cora da pele () obesidade () problemas cognitivos () situação econômica () pertencimento a grupos () Outros? Quais _____

Questão 8 - Você sabe o que é *cyberbullying*? Defina o termo com suas palavras

Questão 09 - O que você proporia para que diminuísse o *bullying* na escola e na Internet?

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) <nome completo do pesquisador>, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) <nome do orientador(a)>, realizará a investigação <colocar o nome da pesquisa>, junto a <mencionar público participante e local da pesquisa> no período de <colocar período de desenvolvimento da pesquisa>. O objetivo desta pesquisa é <descrever sumariamente os objetivos da pesquisa>.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados (as) a tomar parte da realização de <descrever todos instrumentos de pesquisa do qual os participantes tomarão parte: entrevistas, questionários, observação de campo, etc. Se houver mais de uma etapa de desenvolvimento da pesquisa, mencionar como essa se desenrolará>.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do (a) pesquisador (a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o (a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O (A) pesquisador (a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (XX)XXXXXXXX ou por e-mail.

.....

Após ter sido devidamente informado (a) de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o nº de R.G. _____,

Concordo em participar esta pesquisa.

 Assinatura do (a) participante

 Assinatura do (a) pesquisador (a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.